



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ISIS VALENTINA INÁCIO BORGES

**TRANSGREDINDO O GÊNERO: NARRATIVAS DE UMA MULHER TRAVESTI EM
(TRANS)FORMAÇÃO**

**UBERABA
2023**

ISIS VALENTINA INÁCIO BORGES

**TRANSGREDINDO O GÊNERO: NARRATIVAS DE UMA MULHER TRAVESTI EM
(TRANS)FORMAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos e Práticas Educativas.

Orientador: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno.

UBERABA
2023

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

B731t Borges, Isis Valentina Inácio
 Transgredindo o gênero: narrativas de uma mulher travesti
 em(trans)formação / Isis Valentina Inácio Borges. -- 2023.
 82 f. : il., fig., tab.

 Dissertação (Mestrado em Educação). -- Universidade
 Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2023
 Orientador: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno

 1. Professores - Formação. 2. Identidade de gênero. 3.
 Travestis.
 4. Transexuais. 5. Discriminação de sexo na educação. I. Bueno,
 José Lucas Pedreira. II. Universidade Federal do Triângulo
 Mineiro.
 III. Título.

Sônia Maria Rezende Paolinelli - Bibliotecária CRB-6/1191

ISIS VALENTINA INÁCIO BORGES

**TRANSGREINDO O GÊNERO: NARRATIVAS DE UMA MULHER TRAVESTI
EM(TRANS)FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração "Educação" (Linha de Pesquisa: Fundamentos e Práticas Educativas) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Uberaba, 25 de setembro de 2023

Banca Examinadora:

Dr(a). Lúcio Álvaro Marques – Presidente
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr(a). Thiago Henrique Barnabé Corrêa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr(a). Eliane Rose Maio
Universidade Estadual de Maringá



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Rose Maio, Usuário Externo**, em 05/03/2024, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 165, de 16 de junho de 2023](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucio Alvaro Marques, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Educação**, em 05/03/2024, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 165, de 16 de junho de 2023](#).



Documento assinado eletronicamente por **THIAGO HENRIQUE BARNABE CORREA**, **Professor do Magistério Superior**, em 07/03/2024, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 165, de 16 de junho de 2023](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.uftm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1205221** e o código CRC **3F1E0577**.

Dedico, além de todo amor e respeito, às mulheres travestis e transexuais que lutaram antes e junto de mim, para que hoje eu pudesse estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a diversas pessoas que estiveram ao meu lado conhecendo a cada dia, uma nova face de mim.

À minha família obrigada por me suportarem (risos), principalmente durante a pandemia da Covid-19, nada como se isolar com as minhas pessoas, para desabafar todas os temores e lamentações. Nada como também ter compartilhado todas aquelas risadas e discussões políticas no “Buteco da Santa Glória”. Obrigada, porque sem vocês eu nem existiria.

Ao meu orientador, José Lucas Pedreira Bueno, obrigada pela oportunidade de estar comigo nessa mais louca proposta da pós-graduação. Foram momentos difíceis e ao mesmo tempo felizes.

Aos meus amigos e colegas do Grupo Educa, em especial, Bruna, Ricael e Gicelma que me deram apoio nas mais difíceis horas. Nada como a empatia e compreensão de quem está passando pelas mesmas vivências para nos compreender melhor. Agradeço imensamente principalmente ao apoio do Ricael, que nunca me abandonou estando ao meu lado em cada etapa e disciplina desde o nosso ingresso no curso, formaremos juntos sim!

Agradeço a todo corpo docente do Programa de pós-graduação em Educação da UFTM por toda mediação do conhecimento. Aprendi muito e a cada dia poderei aprender muito mais com vocês, estarão sempre guardados com carinho em minhas lembranças. Em especial, aos professores doutores, Thiago e Danilo, por toda humanidade, respeito, parceria e que seus corações continuem, como sempre, abertos a todas as possibilidades de existência.

Lehams, não poderia deixar de falar nesse laboratório de estudo que sempre me representou, um lugar onde aprendemos umas com as outras. E à profa. Dra. Leandra que desde a graduação nunca deixou de me orientar e inspirar a buscar sempre a realização dos meus sonhos. Obrigada por fazerem parte de mim!

A Cia de Teatro Movimento Cênico, a qual fui uma das fundadoras dessa companhia de Teatro, só cheguei aqui, porque lá atrás eu conheci vocês.

Ao Coletivo Bitita, Coletivo Feminista da cidade onde Carolina Maria de Jesus nasceu, por toda rede de apoio a mim e todas as mulheres da cidade nas horas que

não enxergamos saídas, especialmente a Sumaia Debrói, minha psicóloga que esteve comigo durante a última recaída da depressão.

A Clarissa Ribeiro que me deu todo suporte para retificar meu nome no registro de nascimento.

Assim, como disse Milton Nascimento “amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves”, com vocês minhas amigas, eu enfrento o mundo todo com a arma do amor! Obrigada Ana Carolina, Juliana, Mariane, Jade e Vivian por sempre me ouvirem e me apoiarem nesta etapa da vida.

Agradeço também aos meus e minhas colegas de trabalho que lutam junto a mim por uma verdadeira transformação do mundo a partir da Educação, um mundo onde os Direitos Humanos e o respeito sempre coexistam. Obrigada Aline, Ana, Roberta, Rossana, Mariana, Daniel, Moisés, Monica e Cristiane.

Á minha banca de qualificação e defesa, obrigada por todas considerações e apontamentos que me ajudaram a construir esse trabalho com muito amor e seriedade.

“Um brinde

*Meu corpo
Um campo de batalha
Chora, grita e sente
Combate de forma valente
Todo o dia
A mesma e nova transfobia*

*Me constrói
Cada dia mais uma batalha
Venço, perco, segue empatado
Do lado de cá me fortaleço
Mas eles crescem, não me esqueço*

*Na mira, sigo perseguida
O corpo, as regras, as normas
Evidência
Hetero, cis, burguês
Essa moral em mim se desfez*

*Corta, mutila, hormoniza
Transforma a cada dia
De forma desigual é impedida
De ser plenamente reconhecida
Da miséria destinada
À insurreição organizada
Se levanta, me levanto*

*Sei, nasci pra ser sujeito
Escolhi, decidi, quis ser eu mesma
Me tornei abjeto
Parece comum
Um ser que não parece merecer afeto*

*A nós, um brinde
Guerreiras sobreviventes
Mais um dia
No campo de batalha
Da vida
Do corpo
Da alma”.*

Virgínia Guitzel

BORGES, I. Isis Valentina. **Transgredindo o gênero**: narrativas de uma mulher travesti em (trans)formação. Orientador: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Uberaba, 2023.

RESUMO: Nos últimos anos vivenciamos no Brasil, diversos ataques aos corpos desviantes das normatizações de gênero, liderando durante anos o *ranking* global de assassinatos e há um número alarmante na evasão escolar das pessoas que se afirmam como transexual e travesti (Benevides, 2021, 2022). Essa realidade de discriminação e exclusão social não está longe das escolas e das universidades. A partir do uso da memória como uma discente, docente, mulher e travesti, a pesquisadora brasileira busca nessa pesquisa utilizar narrativas reais e ficcionais (Reigota, 1999) da sua existência e (trans)formação como metodologia de trabalho. Nesse processo são refletidos aspectos sobre o processo de formação e transformação da pesquisadora, com arcabouço teórico nos rumos do pós-estruturalismo e pós-crítica, no campo dos estudos culturais, com autoras(es) de pesquisas reconhecidas nas áreas de Gênero, Sexualidade, Travestilidades e Educação: Butler (2003), Louro (2003), Bento (2003, 2011), Preciado (2020), Andrade (2012). Em cruzamento com variadas fontes bibliográficas sobre a comunidade pesquisada, como artigos de notícias, entrevistas, dossiês com dados estatísticos e algumas produções musicais e artísticas de autorias de travestis e transexuais. Assim, nossa pesquisa problematiza: O que os corpos transgressores do gênero podem vivenciar ao longo de sua (trans)formação? Essa dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), tem como principal objetivo propor reflexões sobre aspectos na (trans)formação de uma professora travesti, bem como construir narrativas da memória da autora em seu processo de construção. Tendo em vista que muito temos a aprender para que haja um grande alcance na inclusão da diversidade na escola. Ampliando sentidos e percepções em relação a formação de professores/as, pode-se corroborar a transformar o cotidiano escolar em um lugar mais justo, com equidade para todas as pessoas, independentemente da condição de classe social, de gênero, de sexualidade, de raça, de estética, de geração, de religião dentre outros.

Palavras-chave: Memória; Narrativas; (Trans)formação; Travestis e transexuais; Diversidade; Formação de professores/as.

BORGES, I. Isis Valentina. **Transgressing gender:** narratives of a transvestite woman in (trans)formation. Advisor: Prof. Dr. José Lucas Pedreira Bueno. 83 p. Dissertation (Master's degree in Education) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Uberaba, 2023.

ABSTRACT: In recent years, we have experienced in Brazil several attacks on bodies that deviate from gender norms, leading the global ranking of murders for years, and there is an alarming number of school dropouts of people who claim to be transsexual and transvestite (Benevides, 2021, 2022). This reality of discrimination and social exclusion is not far from schools and universities. From the use of memory as a student, teacher, woman and transvestite, the Brazilian researcher seeks in this research to use real and fictional narratives (Reigota, 1999) of her existence and (trans)formation as a work methodology. In this process, aspects are reflected on the process of formation and transformation of the researcher, with a theoretical framework in the directions of post-structuralism and post-criticism, in the field of cultural studies, with authors of recognized research in the areas of Gender, Sexuality, Cross-Dressing and Education: Butler (2003), Louro (2003), Bento (2003, 2011), Preciado (2020), Andrade (2012). In cross-referencing with various bibliographic sources about the researched community, such as news articles, interviews, dossiers with statistical data and some musical and artistic productions by transvestites and transsexuals. Thus, our research problematizes: What can gender-transgressing bodies experience throughout their (trans)formation? This Master's dissertation presented to the Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Triângulo Mineiro (UFTM), has as its main objective to propose reflections on aspects in the (trans)formation of a transvestite teacher, as well as to build narratives of the author's memory in its construction process. Bearing in mind that we have a lot to learn so that there is a great reach in the inclusion of diversity in school. By expanding meanings and perceptions in relation to teacher training, it can be corroborated to transform the school routine into a fairer place, with equity for all people, regardless of the condition of social class, gender, sexuality, race, aesthetics, generation, religion, among others.

Keywords: Memory; Narratives; (Trans)formation; Transvestites and transsexuals; Diversity; Teacher training.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Teses, Dissertações e Monografia.....	20
Tabela 2 – Produções Artísticas.....	21
Tabela 3 – Dossiês Estatísticos.....	23

LISTA DE SIGLAS

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

CID – Classificação Internacional de Doenças

CPF – Cadastro de Pessoa Física

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DSM – Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais.

EDUCA – Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação.

FMTM – Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

LEHAMS – Laboratório de Estudos sobre História Agrária e Movimentos Sociais

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transexuais, *Queers*, Intersexuais, Assexuais e mais outras possibilidades autodeclaradas.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PET – Plano de Estudos Tutorados.

Pibid – Programa Institucional de Iniciação à Docência

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

STJ – Supremo Tribunal de Justiça

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Uninter – Centro Universitário Internacional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Colação de Grau da graduação, turma de Licenciatura em História, Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Uberaba (MG), 2018.....	45
Figura 2 – Tira da Meire.....	67
Figura 3 – Antes da transição, Araxá-MG (2012).....	70
Figura 4 – Início da transição, Sacramento-MG, 2015.....	71
Figura 5 – Após a transição já com terapia hormonal, Sacramento-MG (2021)...	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	14
1.DA PESQUISA À ESCRITA: A ARTE E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	16
1.1.Algumas abordagens teóricas e referências da pesquisa	18
1.2.A abordagem metodológica da pesquisa: as narrativas da formação	24
1.1.1.A pesquisa narrativa autobiográfica da formação de si	27
1.1.2.O Uso das Narrativas Ficcionalis no/do cotidiano de formação	29
2.GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL E TRANSGRESSORA	32
2.1. A transgressão da categoria gênero	37
2.2. Mulheres travestis na Universidade	42
2.3. Dos muros das escolas às passarelas da Universidade Pública	45
3.UMA TRAVESTI DISCENTE/DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR: NARRATIVAS DA (TRANS)FORMAÇÃO	47
3.2.O menino que jogava livros	49
3.3. Um garoto estranho nas aulas de Educação Física	53
3.4.Uma professora travesti na sala de aula	55
3.4.1.Uma professora (Blas)fêmea no banheiro da escola.	58
3.5.Meu corpo em (re)invenção	64
3.5.1.A garota travesti de botas.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
GLOSSÁRIO	83

INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

O que é ser professora? O que é ser mulher travesti? Como é a presença de um 'corpo estranho' na sala de aula? Nos bancos das Universidades? Pelas ruas a caminho da escola? Confesso que ao longo da minha (trans)formação várias disputas foram travadas. O privilégio desse corpo pisar nesses ambientes ainda precisa ser bastante discutido e amplificado a todos os outros espaços. A necessidade do discurso sobre a equidade de direitos, nunca fora tão cara à sociedade. Meu corpo e minha voz estará na busca dessa realidade, transgredindo o esperado. Nossa história sempre viverá em nossas memórias, umas das outras e para as próximas. E que as palavras guardadas neste texto fortaleçam cada passo de nós por nós mesmas. Que os direitos nunca nos faltem, e que a Educação possa ser o caminho de todas e não mais de poucas.

A escola poderia ser um local de acolhimento e segurança para todo e qualquer ser humano, levando em conta a questão da universalização dos direitos humanos para todas as pessoas, independentemente da religião, da raça, da sexualidade, do gênero, de classe social ou de geração. Contudo, para algumas camadas sociais, esse ideal ainda não foi contemplado em seus cotidianos, sobretudo, o escolar. O direito à Educação e a qualidade de vida são os direitos básicos que o ser humano necessita para sobreviver e viver plenamente em sociedade.

Desde os primórdios da educação formal, a partir da educação jesuítica no Brasil, a escola foi planejada envolta pela moral cristã, o que fez desse espaço um lugar hierarquizador dos sujeitos, instituindo o que se pode ou não fazer e, também quem se deve ou não ser. Assim, transgredir as regras impostas ao gênero seria o mesmo que afrontar a própria natureza da instituição que define um sentido binário para esta categoria. Para Louro,

[...] o que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino (2003, p. 89).

Existem vários mecanismos componentes dessa arquitetura das práticas educacionais, dentre elas a concepção contemporânea e binária do gênero está

entranhada nas relações sociais e culturais dentro da escola e também de acordo com Louro (2003), também está fora da escola. Portanto, os corpos que deixam de seguir as essas regras impostas são diferenciados uns dos outros.

Esta pesquisa pretende trazer à tona a elementos de memória da minha experiência como mulher travesti em meu processo de (trans)formação, ou seja, o processo de transição de gênero e formação como uma professora, bem como a construir narrativas ficcionais (Reigota, 1999) a partir de algumas memórias narradas dessa construção de mim mesma. Também foram consideradas referenciais, entrevistas, estatísticas e literatura no que tange a discussão de gênero e sexualidade e a respeito dos corpos transexuais e travestis.

Compreendendo meus privilégios, como não ter sido expulsa de casa, por exemplo, transgredi muitas das realidades impostas ao meu corpo, que também são impostos a outros corpos como o meu. Nesse sentido, recebi por meio da Educação a possibilidade de transformar minha vida. Além disso, também nos atentamos a refletir sobre as relações estabelecidas neste ambiente e quiçá possibilitar-se-á a diminuição da evasão/exclusão dessa camada social na/da educação formal. Acreditando na educação como um meio de inserção social e melhoria da qualidade de vida.

Na próxima seção será discutida a revisão de literatura também chamada como o Estado da Arte. Esta abordou alguns dos caminhos percorridos no que tange os referenciais da pesquisa.

A terceira seção trouxe reflexões acerca das questões de gênero e sexualidade na escola. Entendendo a escola como uma instituição reprodutora de mecanismos opressores sobre os sujeitos.

A quarta seção aborda sobre o processo da minha (trans)formação, ou seja, as minhas experiências de formação e transição de gênero.

É necessário evidenciar que nos conteúdos das seções três e quatro, estão alocadas e destacadas em itálico porque se trata de algumas narrativas ficcionais construídas a luz de reflexões das minhas memórias.

Estimo que as minhas memórias, a escrita, o estudo, a pesquisa e a dedicação possam ressoar minimamente a mudar o rumo da minha própria história e também muitas outras possam ser ouvidas e não mais silenciadas. Essas relações entre o meu corpo transexual/travesti e o acesso a escola, à Universidade, ao direito à família, à saúde, moradia, ao direito de existência farão mais sentido ao leitor e leitora ao

decorrer desta escrita.

1.DA PESQUISA À ESCRITA: A ARTE E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

No decorrer da pesquisa foram consideradas diversas formas de estudo, de abordagens teóricas e usos de metodologias. Muitos foram os embates para que a melhor escolha entre essas questões ocorresse, pois buscava formas que pudessem contemplar o tema que já havia sido decidido: refletir sobre as questões de gênero, sexualidade e educação. Nesta seção, pretendo discorrer alguns dos caminhos que percorri durante a produção e quais rumos tomaram esta pesquisa.

Charles Wright Mills (1972) em “Sobre o artesanato intelectual”, o autor no apêndice do livro “A imaginação sociológica”, discute sobre o fazer do/a Cientista Social. Trata-se de fatores que podem auxiliar um ou uma iniciante nesse tipo de trabalho, revelando as formas com que ele/a mesmo procede em seu ofício. Para o autor seria a melhor forma de colaborar com cientistas inexperientes trocando essas informações sobre métodos e teorias. O estudioso precisa ligar seu trabalho à suas próprias vidas e experiências pessoais ao seu ofício, sendo esse o procedimento realizado pelos/as mais notórios/as pensadores/as da comunidade científica.

Deve-se então, analisar e interpretar essas experiências sempre. O fazer do trabalho intelectual permeia indubitavelmente a vida do/a pesquisador/a social e assim como a vida dele/a está inseparável da produção final deste ofício. E não há necessidade de se amedrontar-se ao correlacionar esses aspectos. O autor também revela a necessidade de se utilizar diários para relatar as experiências que o próprio pesquisador vive em seu cotidiano, como conversas, situações e até mesmo sonhos. Essa atividade de confiabilidade nas experiências e ao mesmo a dúvida é algo tipicamente provindo da experiência com esse fazer da ciência social. Essas mesmas experiências anseiam ao/à próprio/a pesquisador/a a explicá-los (Mills, 1972).

Christian Laville e Jean Dionne (1999), no capítulo intitulado “Em busca de informações” do livro “A construção do saber”, têm como preocupação expor fontes de informações, bem como as técnicas e instrumentos de coleta de dados conhecendo também os limites e usos de cada um dos instrumentos elencados na obra. Eles afirmam que as pesquisas que levam em consideração documentos, possui

uma relevante quantidade de produções nas Ciências Humanas. Esses dados expressam informações que já existem tanto nos documentos impressos quanto para recursos audiovisuais. Dentre as fontes impressas estão, por exemplo: diários íntimos, correspondências, documentos pessoais, dados estatísticos (como IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) ou seja, materiais que expressem visões e sentimentos de sujeitos históricos.

Para as fontes audiovisuais podemos nos munir de pinturas, fotos, desenhos, vídeos, museus, filmes e discos, sendo elas provedoras dos conhecimentos sobre o humano. Compreendendo também que todos esses recursos para coletar dados não descartam a possibilidade do encontro direto com as pessoas. Conclui-se em acordo do colocado por esses autores, que as maneiras de se coletar dados podem ser bastante diversificadas e não têm restrições de uso a não ser a imaginação dos/as pesquisadores e pesquisadoras para criação de formas efetivas e únicas.

Nessa perspectiva, o texto categoriza esses instrumentos em dois grupos: o testemunho e a observação. Ao partir da obtenção dos dados pelos autores do texto, quem realiza a pesquisa dever-se-á interpretar e organizar os dados em sentido da questão da pesquisa, sua(s) hipótese(s) e o problema, fechando um ciclo na tentativa de resolução e respostas.

Ainda quanto aos autores citados acima, tive a oportunidade de tê-los como um atravessamento positivo da disciplina de Metodologia da Pesquisa no ano de 2021 durante o curso de Mestrado em Educação na UFTM. A partir daí pude compreender a pesquisa como algo único, promovido singularmente por cada indivíduo que a produz, pois, trazem a tona as necessidades que nossa sociedade aspire. A arte do trabalho científico vai criando suas próprias formas e caminhos em sua produção. Possibilitando a nós pesquisadores e pesquisadoras, variada gama de instrumentos de trabalho. Nesta seção, procuro discutir sobre algumas das possibilidades desse fazer científico que me atraíram enquanto professora/pesquisadora e mulher travesti. Na primeira subseção procuro dispor sobre questões teóricas, enquanto na segunda subseção discuto sobre as questões metodológicas.

1.1. Algumas abordagens teóricas e referências da pesquisa

Gênero e sexualidade sempre foram assuntos latentes no meu cotidiano desde a infância, embora eu não tendo sempre a ciência de que era essa a maior questão que eu enfrentaria ao longo dos anos posteriores. Sempre soube que eu não era igual às outras crianças, na infância eu não tinha muitas amizades masculinas. Meu pensamento, os temas que eu gostava de conversar, as roupas que eu achava bonitas, enfim, meu comportamento social sempre foi compartilhado ao de outras garotas, apenas meu corpo condizia com as expectativas biológicas e sexuais masculinas.

À vista disso, a orientação dessa pesquisa se deu a partir do questionamento levantado: Quais obstáculos e transgressões uma mulher travesti vivenciam em sua (trans)formação? Como o cotidiano da escola atende as identidades tidas como diferentes? Nesta subseção da pesquisa, discorro sobre algumas das abordagens teóricas que poderiam me auxiliar a discorrer acerca dessas questões.

Guacira Lopes Louro (2003, p. 58), define que:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Para a autora, que é considerada uma das referências na área dos estudos pós críticos de gênero, sexualidade e educação. A própria escola define os lugares sociais em que os corpos devem ser organizados dentro dela. Até mesmo na construção de seu espaço físico, os símbolos da moral cristã se manifestam evidenciando os padrões hegemônicos. As diversidades dos sujeitos fazem com que eles se identifiquem ou não com esses padrões, afastando ou não esses corpos da inclusão dos mecanismos da educação e da aprendizagem.

Ao longo das primeiras pesquisas científicas que produzi junto a minha orientadora e coordenadora do laboratório de pesquisa, que ainda faço parte. Eu e a Profa. Dra. Leandra Domingues Silvério produzimos estudos ligados à abordagem a

partir do feminismo interseccional considerando cada um dos marcadores sociais da diferença como raça, gênero, sexualidade, geração, classe social e religião.

Na minha monografia apresentada ao curso de graduação de licenciatura em História na UFTM foi intitulada “Transgêneros e a Insubordinação ao Patriarcado Cisgênero-Heteronormativo: problematizações na afirmação de gêneros em Sacramento – MG. De onde provém tanto glitter?”, nessa pesquisa vinculada ao Lehams – UFTM e também orientada pela Profa. Dra. Leandra, entrevistei três pessoas que se declaravam travestis/transexuais na cidade de Sacramento – MG, sendo duas mulheres transexuais/travestis e um homem transexual: Cibele, Amanda e Denny. O trabalho questionou aspectos das suas memórias ao longo das suas afirmações de gênero suas conquistas e resistências. Pontuando a não necessidade de cirurgias ou terapia hormonal para tal afirmação de gênero (Borges, 2018).

A nossa última produção em coautoria foi intitulada “Mulheres travestis multiartistas no enfrentamento histórico dos estigmas da bixa preta”, esta foi uma produção publicada em junho de 2022, resultou em um dos capítulos do livro “Feminismo das majorias”, este produzido de forma coletiva por diversas autoras feministas. Nesta produção discutimos sobre a vida e obra de algumas multiartistas travestis brasileiras diante ao enfrentamento do racismo e das discriminações de gênero a partir da suas expressões artísticas (Borges; Silvério, 2022).

A partir da abordagem do feminismo decolonial crítico eu e meu orientador de mestrado produzimos um artigo intitulado: “Travestis e transexuais na Universidade Pública: reflexões sobre o acesso e a permanência no Ensino Superior no Brasil” que foi submetido e aprovado na Revista Práxis Educacional. Utilizamos como um dos referenciais Vera Maria Candau (2008) abordando questões como o direito à educação em perspectiva decolonial e intercultural crítica da educação. Neste estudo, propusemos uma discussão em relação ao acesso e permanência de mulheres travestis na Universidade Pública (Borges, Bueno, 2023).

No ano de 2021 pude adquirir a tradução do livro “A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero” da autora Oyèrónké Oyêwùmí, uma socióloga nigeriana de origem iorubá. Sua tese de doutorado teve sua publicação original no ano de 1997, mas, foi traduzida para o português e chegou no Brasil apenas no primeiro semestre de 2021, demonstrando a desvalorização da cultura africana frente ao racismo no país. Seu texto, considerado referência para os estudos feministas decoloniais, e discussões a partir de

pesquisadoras/es africanas/os. Foi vencedor de prêmios importantes como o da Associação Americana de Sociologia. O texto faz uma crítica a cultura ocidental e pondera que para o povo iorubá a questão central da organização dessas comunidades esta como eixo a coletividade e não em categorias baseadas na biologia, ou seja, não havia uma categoria mulher. No prefácio do livro diz que para a sociedade africana

É óbvio que se alguém quisesse aplicar esta “bio-lógica” ocidental ao mundo social iorubá (ou seja, utilizar a biologia como uma ideologia para a organização do mundo social) teria que, primeiro, inventar a categoria “mulher” no discurso iorubá (Oyêwùmí, 2021, p. 16).

Nos próximos anos pretendo me aprofundar mais nessa abordagem teórica que muito me atravessou nos últimos meses.

Nesta dissertação de mestrado se utilizou a abordagem teórica pós-estruturalista como referencial teórico, com estudos promovidos por Guacira Lopes Louro (2003), uma das principais autoras de referências sobre gênero, sexualidade e educação no Brasil. Bem como, a utilização de trabalhos de outras pesquisadoras travestis e transexuais como Bruna Benevides (2021, 2022), Meg Rayara (2017), Sayonara Naider Bonfim Nogueira (2021), Adriana Sales (2012), Luma Nogueira de Andrade (2012) e Jaqueline Gomes de Jesus (2010).

Nessa ótica, temos o intuito de evidenciar as obras de pessoas transexuais, travestis e não binárias brasileiras que estão referenciadas nessa pesquisa, foram construídas tabelas, que organizam as produções por tipo e em ordem cronológica de publicação. Na tabela 1, foram alocadas as produções acadêmicas como teses, dissertações e monografia:

Tabela 4- Teses, Dissertações e Monografia

Título/Subtítulo	Autoria	Instituição	Tipo	Estado	Ano
O protesto na festa: Política e carnavalização nas Paradas de Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transexuais (LGBT).	Jaqueline Gomes de Jesus.	Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília	Tese de Doutorado	Distrito Federal	2010
Travestis na escola:	Luma Nogueira	Programa de Pós-	Tese de doutorado	Ceará	2012

Assujeitamento e resistência à ordem normativa.	de Andrade	Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará			
Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis	Adriana Barbosa Sales	Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso	Dissertação de Mestrado	Mato Grosso	2012
O Diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na Educação	Megg Rayara Gomes de Oliveira	Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná	Tese de Doutorado	Paraná	2017
Transgêneros e a Insubordinação ao Patriarcado Cisgênero-Heteronormativo: problematizações na afirmação de gêneros em Sacramento – MG. De onde provém tanto glitter?	Isis Valentina Inácio Borges	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Monografia	Minas Gerais	2018

Fonte: Da autora.

As produções acadêmicas demonstradas na tabela acima, assim como outras produções de outras autorias, e também diversas produções artísticas quebram com os padrões de sexualização dos corpos travestis e transexuais. Com isso, firma-se a possibilidade e legitimação desses corpos estarem em muitos lugares, trabalhando em certa medida, no processo de naturalização destes em vários outros espaços de poder construindo um novo imaginário social. Assim, na tabela 2, também organiza-se as produções artísticas aqui utilizadas.

Tabela 5 – Produções Artísticas

Título/Subtítulo	Autoria	Editadora/ Gravadora	Tipo	Estado	Ano
Antologia Trans: 30 Poetas trans, travestis e não-binários	Alex Tecruzi, Alexxa Araújo, Amanda Paschoal, Amara Moira, Apollo	Invisíveis Produções	Livro (poesias e ilustrações)	São Paulo	2017

	<p>Franco, Augusto Silva, Bernardo Enoch Mota, Bruno Hats, Calla, Carmim, Cecília Silva, Christian Lorenzzo Karavla, Dannyele Cavalcante, Dodi Leal, Enzo Beneducci, Giovani Diaz, Ika Eloah, Kyem Araújo, Lua Lucas, Luan Bressanini, Luq Souto Ferreira, Lucifer Ekant, Naná DeLuca, Patrícia Borges da Silva, Peter Milanez, Rená Zoé, Samantha Andrade, Teodoro Albuquerque, Thais Azevedo, Wictor Ferreira, Augusto Silva, Lune Carvalho, Amara Moira, Linn da quebrada.</p>				
Serei A	Linn da Quebrada <i>ft.</i>	Estúdio YB Music	Mp4	São Paulo	2017

	Liniker				
Dama da Night	Assucena Assucena e Raquel Virgínia	ABCM Produções	Mp4	São Paulo	2017
Diaba	Urias	Mataderos	Mp4	São Paulo	2019
Oração	Linn da Quebrada	Space Blues	Mp4	São Paulo	2019
Seja o que quiser	Majur	Ubuntu	Mp4	Rio de Janeiro	2021
Eu matei o Junior	Linn da Quebrada <i>ft.</i> Ventura Profana	Estúdio Brocal	Mp4	São Paulo	2021

Fonte: Da autora.

Não menos importantes que as produções destacadas anteriormente, também aparecem os dados estatísticos. Os dados sobre a violência contra a população transexual e travesti, no Brasil, na maior parte da história não foram monitorados. Apenas na história recente e graças a iniciativa da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), tivemos a possibilidade de analisar e monitorar esses dados. Na tabela 3, apresentam-se dispostos os dossiês que puderam aqui nos fornecer os dados estatísticos para esta pesquisa.

Tabela 6 – Dossiês Estatísticos

Título/Subtítulo	Autoria	Instituição	Tipo	Estado	Ano
Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020	Bruna Benevides e Sayonara Naider Bonfim Nogueira.	Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)	Dossiê	São Paulo	2021
Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021	Bruna Benevides	Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)	Dossiê	Distrito Federal	2022
Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e	Bruna Benevides	Associação Nacional de Travestis e Transexuais	Dossiê	Distrito Federal	2023

transexuais brasileiras em 2022		(ANTRA)			
---------------------------------------	--	---------	--	--	--

Fonte: Da autora.

Cumprir notar que essas produções destacadas de mulheres travestis e transexuais são frutos de indicações da banca de qualificação e de pesquisas ao longo da minha trajetória de (trans)formação. Além dessas referências específicas, também foram realizadas buscas em conjunto com meu orientador em *sites* como *google* acadêmico e no Acervo da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Na próxima subseção se discutiu a abordagem metodológica da pesquisa narrativa em algumas de suas modalidades e sobre uso da memória, aplicadas neste estudo, propostos por referenciais como Elizeu Clementino de Souza (2004, 2018), Marcos Antonio dos Santos Reigota (1999), Marie Christine Josso (2007), Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003), Lucília De Almeida Neves Delgado (2003, 2010), Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva (2008), Mariana Martins de Meireles (2018).

1.2.A abordagem metodológica da pesquisa: as narrativas da formação

*As narrações centradas na formação ao longo da vida
revelam formas e sentidos múltiplos de
existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do
pensar, do agir e do viver junto
(Josso, 2007, p. 413).*

Um olhar sobre as narrativas da formação de si mesmo, nos permite pensar como as pessoas veem e agem no mundo, podendo trazer através da memória narrada questões da história individual, como da história coletiva. Sobre a memória e as identidades, escreve Lucília De Almeida Neves Delgado (2010, p.9) “é a de que as identidades individuais e coletivas têm forte suporte na memória”. Para a autora, a “História, tempo e memória são processos interligados” (Delgado, 2010, p.17).

Podemos dizer que a construção das narrativas da memória revela a partir das experiências individuais, suas visões particulares sobre os processos coletivos. Nesta subseção pretende-se abordar a metodologia aplicada nesta pesquisa, ou seja, a

pesquisa narrativa reais e ficcionais autobiográficas, contemplando duas modalidades de narrativa.

Lucília Delgado (2003) em seu artigo intitulado “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades” fez um estudo relacionado às narrativas da memória, as identidades e o tempo. Para a autora, a partir da memória se constrói a história e as identidades individuais e coletivas têm sua base nessas memórias. A memória, a história e o tempo são processos conectados graças a essas novas metodologias e objetos de análise que foram introduzidos pela pós-modernidade com pesquisas em torno do cotidiano. Ela também afirma que,

Assim sendo, o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ao se interpretar a história vivida, no processo de construção da história conhecimento, os historiadores são influenciados pelas representações e demandas do tempo em que vivem e a partir dessas representações e demandas, voltam seus olhos para o vivido reinterpretando-o, sem, no entanto, o modificar (Delgado, 2003, p.10).

O sujeito tem uma relação de pertencimento com a história, estão dispostas as diversas representações das temporalidades dela. Ao analisar sobre o tempo vivido pode-se anunciar representações sobre o tempo vivido. O ser humano é considerado marcado pelo tempo e em si carrega as suas marcas. Tais marcas podem ser notadas por meio das narrativas da memória de quem viveu a história.

As histórias narradas sobre o cotidiano nas escolas podem se dispor de multifacetadas experiências no fazer político e pedagógico. Essas experiências da vida escolar ao serem narradas trazem a público de forma palpável o conhecimento dado a relevância para a área da Educação.

Dito isso, o meu corpo de mulher travesti transitou por muitos dos espaços escolares e acadêmicos ao longo dos anos. Chegando à pós-graduação sempre tentei encontrar metodologias e referenciais teóricos em que se relacionam com a minha própria identidade.

Nesse último ano de mestrado, 2022, cursei a disciplina “(Des/Re) Construção das práticas pedagógicas cotidianas” com o prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa, onde tive o privilégio de entrar em contato com a modalidade das narrativas ficcionais (Reigota, 1999) como metodologia, sendo esse um dos melhores, que como

chamávamos os “afetamentos” dentre eles, esses métodos que me afetaram profundamente no meu ser enquanto professora e pesquisadora. Além de todas as ações e possibilidades para transformação da educação discutidas em nosso grupo, como as possibilidades “inéditas” e “viáveis”. Esses “afetamentos”, agora fazem parte de mim com muito afeto e esmero.

Para Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva (2008), a pesquisa narrativa é aplicada em diversas áreas, como em Estudos Feministas, Filosofia, Psicologia e na Arte. Essa metodologia coleta histórias sobre determinados assuntos pela pesquisadora, reunindo informações sobre um determinado fenômeno. Como um método, podem ser utilizadas várias formas de coleta de dados desde entrevistas, gravações com narrativas orais, bem como autobiografia, diários e notas de campo. A autora também lembra sobre os significados de narrativa:

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos (Paiva, 2008, p.1).

Assim sendo, o significado de narrativa pode ser variado, ou assumir variados tipos de estética e modalidades, baseia-se em relatos sobre o vivido, elas podem ser contadas ou recontadas sobre determinados acontecimentos. Com o uso das narrativas como método de coleta de dados, pudemos observar e refletir sobre aspectos do contexto histórico, social e cultural de determinado sujeito, fluidamente. As narrativas reais e/ou ficcionais, puderam nos revelar a construção de uma identidade, suas cosmovisões, ou seja, as maneiras de ver e perceber o mundo. Esses são alguns dos argumentos fundamentais da aplicação da coleta de dados da pesquisa de abordagem autobiográfica.

Ao definir a metodologia da pesquisa narrativa nas modalidades da (auto)narrativas com as narrativas ficcionais (Reigota, 1999), aplicada nesse trabalho, fora depois de muitas batalhas e buscas por uma metodologia que contemplasse os objetivos desta pesquisa, desse modo foram discutidas as expectativas dadas para a pesquisa narrativa autobiográfica.

Por conta de uma doença, diagnosticada com depressão e ansiedade no início de 2022, meu prazo para coletas de dados de campo, a modalidade da metodologia narrativa com a coleta de dados baseada na história oral, se tornou um

tanto inviável, pois, ainda estava tentando aos poucos terminar a produção de um artigo para publicação. Sem contar que nesse período não me afastei do meu trabalho como professora contratada por Processo Seletivo Simplificado, na Escola Estadual Coronel José Afonso de Almeida em Sacramento – MG. Esse diagnóstico foi um resultado já esperado por questão de anos de sofrimento com problemas familiares, crises de identidade, pandemia da Covid-19, bem como a sobrecarga da dupla jornada, no exercício da docência e da pós-graduação. Ao longo do último ano travei essa batalha junto da ajuda da Psicologia e da Arteterapia e tentando viver um dia de cada vez.

O presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre as narrativas da memória de uma mulher travesti discente/docente no cotidiano escolar. Como objetivos específicos se pretende: identificar os desafios da dinâmica escolar, acerca da trajetória de formação/construção de uma travesti professora; construir narrativas autobiográficas no/do cotidiano escolar de uma mulher travesti discente/docente; apontar críticas as concepções culturais hegemônicas sobre o corpo travesti.

Esta seção abordou a metodologia da pesquisa autobiográfica, fazendo o uso das narrativas como um instrumento de coleta de dados. Assim, se justifica, a partir das observações, vivências, experiências levantadas pelas memórias e narradas pela pesquisadora/educadora que se autoafirma como uma mulher travesti em relação aos obstáculos e as resistências em que enfrenta ao longo da sua construção identitária como mulher, travesti, pesquisadora e professora.

Nos próximos itens são debatidas algumas questões sobre as modalidades de narrativas que foram utilizadas nessa dissertação.

1.1.1.A pesquisa narrativa autobiográfica da formação de si

O modo como as pessoas percebem e agem no mundo podem ser observados nas narrativas. Suas narrativas representam a constituição do seu si mesmo

(Santos; Fouraux; Oliveira, 2019, p.39).

Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003) em seu texto “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica”, salienta que a pesquisa autobiográfica que utiliza as narrativas como instrumento de coleta de dados a memória está como um elemento de sua base. Onde se reconstrói suas vivências singulares expressadas na ação da/o narradora/o. Marie Christine Josso pontua que a partir das narrativas da formação de si, delimita mudanças sociais/culturais na vida singular do sujeito e as relaciona as suas trajetórias profissional/social, vejamos:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (2007, p. 414).

Essa estratégia acaba nos permitindo o pensar/sentir/questionar as heranças/rupturas sociais e culturais presentes nas experiências da história de vida/formação do sujeito histórico. Marie Christine Josso também propõe além do paradigma da experiência, o poderoso paradigma singular-plural onde ocorrem “muitas tensões dialéticas nas quais a vida toma vida, se inventa e, graças a essa invenção, se perpetua” (2007, p. 432) ou seja, para ela a existência da identidade é legitimada através dessa relação dicotômica.

Em relação a legitimidade da abordagem metodológica autobiográfica para a pesquisa em Educação, Eliseu Clementino de Souza (2004, p.26-7), expressa sobre as narrativas autobiográficas que,

A compreensão das implicações pessoais e das marcas construídas na trajetória individual, através de relatos escritos sobre a aprendizagem pessoal e coletiva da profissão com base na vivência escolar, revela-se como um fértil exercício de formação e de pesquisa, na medida em que possibilita ao sujeito em formação compreender-se como autor e ator do seu percurso formativo. A utilização das narrativas autobiográficas, como possibilidade formativa, relaciona-se com aprendizagens experiências construídas no itinerário escola e com as marcas da prática docente expressas pelos saberes da profissão e sobre a profissão.

Os atravessamentos da trajetória da vida individual do sujeito histórico, expressas nesses relatos, são carregados de passagens sobre o caminho da aprendizagem durante a vida escolar-acadêmica. Para ele também é uma rica contribuição para a atividade de formação, como uma professora e pesquisadora. Dessa maneira, essa possibilidade formativa se relaciona com o cotidiano escolar e a prática docente, correlacionando saberes.

Os autores Mariana Martins de Meireles e Elizeu Clementino de Souza (2018) pensam o método (auto)biográfico como expositor da experiência do ser humano, a narrativa é tratada como “um ato, uma disposição ontológica” (Souza; Meireles, 2018 p. 290), vejamos na íntegra:

Por meio do método (auto)biográfico e, por conseguinte, de suas perspectivas epistêmico-metodológicas, compreende-se a experiência humana e suas (re)significações como estruturas fundantes do processo de narrar. Nesse sentido, a produção da narrativa torna-se um ato, uma disposição ontológica, pois os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido. Nesse sentido, a produção da narrativa torna-se um ato, uma disposição ontológica. Isto porque os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido (Souza, Meireles, 2018 p. 290).

A experiência adquirida com a vida social faz com que o narrador, em sua fala/escrita, trate sobre os seus sentimentos e sentidos acerca do mundo e sobre si mesmo. Nessa “disposição ontológica”, ou seja, abordam-se questões sobre o ser.

A pesquisa narrativa autobiográfica, podemos também a pensar doravante com a palavra cosmovisão, seria o mesmo que a maneira de um sujeito de ver e pensar o mundo. A singularidade dessas memórias e ações sobre o vivido, além de dizer sobre uma visão particular, também nos revelam um pouco de seus mundos sociais em que os indivíduos narradores estão alocados.

No próximo item foi discutido a questão da modalidade das narrativas ficcionais (Reigota, 1999), que também foi uma das modalidades de narrativas adotadas nesta pesquisa.

1.1.2.O Uso das Narrativas Ficcionalis no/do cotidiano de formação

Nesta subseção pretende-se abordar o uso das narrativas ficcionais como ferramenta de trabalho para esta e outras produções científicas. O emprego desse tipo de narrativa pode auxiliar na universalização do acesso ao conhecimento científico. No caso específico desta pesquisa auxiliar no combate à transfobia, expondo realidades comuns sobre o cotidiano de uma mulher travesti e professora.

Recorro às conversas do cotidiano, transformando-as em narrativas ficcionais para analisar os discursos produzidos ou reproduzidos na escola, por seus/suas professores/as, alunos/as e demais envolvidos/as nas práticas da educação escolar, num esforço por capturar novos significados políticos da dimensão pedagógica. transformando-as em narrativas ficcionais para analisar os discursos produzidos ou reproduzidos na escola, por seus/suas professores/as, alunos/as e demais envolvidos/as nas práticas da educação escolar, num esforço por capturar novos significados políticos da dimensão pedagógica (Proença, 2009, p. 128).

A modalidade das narrativas ficcionais para Eder Rodrigues Proença (2009), pode ser também utilizada para salientar reflexões sobre o fazer político nos discursos praticados no cotidiano escolar. Pode-se suscitar análises sobre as práticas políticas e pedagógicas e os discursos (re)produzidos na cultura escolar pela sua comunidade, se alinhando na busca de pensar novos caminhos e significados para transformação desse cotidiano. O Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota (1999, p. 41), escreve sobre as narrativas ficcionais:

Estava preocupado com a “cientificidade” do trabalho, preocupação essa muito mais decorrente de hábitos pessoais do que necessariamente compromisso com uma linguagem e metodologia científicas, exigências profissionais e critérios institucionais. Eu não tinha nenhum dos compromissos financeiros, institucionais e teóricos que caracterizavam o trabalho de um pesquisador. Tinha total liberdade para escrever. O meu único compromisso era comigo mesmo e com os meus amigos e colegas que me forneciam “os dados”. O meu desejo era escrever, apenas escrever, sobre os ecologistas inseridos no processo de globalização social e cultural e das relações sociais e afetivas.

Em vista disso, o autor colaborador das narrativas ficcionais como uma prática metodológica, também sempre me vigiei com relação à cientificidade dos meus escritos acadêmicos, embora a busca por uma certa autonomia de escrita sempre esteve ao meu lado. Com a pós-modernidade, novas metodologias surgiram e deram mais voz a determinados grupos historicamente excluídos (como as mulheres travestis e transexuais) na cultura da sociedade ocidental.

Dessa maneira, minha primeira ideia foi utilizar a coleta de dados pela História Oral com entrevistas como uma das modalidades da pesquisa narrativa. Essa forma de coleta de dados, também se demonstrava como um valioso instrumento para produção de fontes que muitas vezes são inexistentes, acrescentando novos sujeitos à história, tendo potencial para a construção da história dos/as excluídos/as.

Com a pesquisa narrativa nas modalidades autobiográfica e ficcional, abriu-se a oportunidade para a pesquisa ainda contemplar os seus objetivos, mesmo em meio a tantas dificuldades e pouco tempo disponível para a produção. Sobre a modalidade das narrativas ficcionais, aponta Marcos Reigota (1999, p.49),

Em linhas gerais, a narrativa tem sempre um componente verdadeiro, histórico, coletivo ou particular. A partir do momento em que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história/estória à sua maneira, enfatizando ou eliminando passagens e detalhes, deixando implícitos ou explícitos as suas representações sobre o fato concreto, suas consequências e desdobramentos.

Sendo assim, para o autor a questão é que as narrativas podem ser reais ou ficcionais, compreendendo-se que sempre e independentemente carregam em sua natureza componentes de veracidade e que revelam processos históricos coletivos ou particulares sobre a história. Isto posto, ao longo das próximas seções deste trabalho foram dispostas ao longo do texto algumas narrativas, podendo elas serem narrativas autobiográficas ou narrativas ficcionais (Reigota, 1999), narradas a partir das minhas vivências na escola/universidade.

Para o professor Thiago Corrêa, esse tipo de pesquisa exige sensibilidades políticas, teórico-metodológicas, éticas, arcabouço teórico dentre outras questões técnicas como a escuta, ou seja, “está longe de ser uma tarefa fácil e sem rigor científico” (Corrêa, 2022, p. 15). Ainda sobre a modalidade das narrativas ficcionais, Marcos Reigota apresenta que,

Nenhum personagem pode ser encontrado na vida real, conforme descrito, pois nenhum é reflexo de uma única pessoa, mas sim constituído de múltiplos fragmentos encontrados nos diferentes indivíduos do grupo estudado. Cada personagem adquire identidade própria, que pode ser reconhecida (ou não) pelas pessoas que contribuíram com detalhes de sua cultura, sentimentos, estilo de vida, opções estéticas, profissionais e sexuais (1999, p. 43).

Essa ferramenta, colaborou para minha maior autonomia como pesquisadora. As narrativas ficcionais não possibilitam a descoberta de quem são os personagens

na vida real pelo/a leitor/a. Mas também oferecendo detalhes culturais, sentimentos, enfrentamentos, sexualidade, ou seja, signos da composição de cada identidades de grupos sociais distintos. Também escreve Marcos Reigota (1999. p. 39-40),

Assim a(s) identidade(s) do pesquisador no momento que está realizando a pesquisa é de extrema importância, no sentido de que é como ele se autoidentifica em relação às questões que quer abordar e como ele se identificando pelo(s) seu(s) interlocutor(es), que o resultado do seu trabalho poderá ser validade e digno de crédito.

Assim, foi possível criar narrativas a partir da minha própria vivência como mulher travesti e do contato com meu próprio grupo social ao longo dos anos como estudante e professora. A partir das nossas vivências, protegidas as identidades, criar ficções ou não sobre a nossa existência.

Eder Rodrigues Proença (2009), sobre a modalidade das narrativas ficcionais (Reigota, 1999), expressa que são aplicadas para abranger diversas questões que se põem no cotidiano da práxis pedagógica e que nos leva a (re)pensar e transgredir a escola que não permita e reconheça a pluralidade do seu público, ou seja, planejar “uma escola onde haja possibilidades de viver a multiplicidade e as ambiguidades sem medo, receio e com respeito, sejam quais forem as diferenças” (Proença, 2009, p.21).

Em conclusão, a abordagem metodológica de uma pesquisa está situada na questão de “como” será elaborada a produção científica, quais técnicas serão utilizadas na coleta de dados e produção. Esta pesquisa foi elaborada a partir da abordagem autobiográfica, com o suporte das narrativas como procedimento de coleta de dados. Assim como abordado nessa seção, essas narrativas poderão ser reais de formação ou narrativas ficcionais (Reigota, 1999), aplicando-se essas duas modalidades de narrativa. Conforme visto e debatido os referenciais, todas as narrativas carregam traços de verdade sendo um tanto trabalhoso poder separar uma e outra, logo, utilizamos esses conceitos e as tendo como resultados da pesquisa. Estas narrativas, assim dizendo e compreendendo seus múltiplos significados, apareceram dispostas nas próximas seções de forma aleatória, com intuito de trazer à tona determinadas discussões para reflexão acerca dos objetivos e tema pesquisados.

2.GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL E TRANSGRESSORA

*“Diferenças, distinções, desigualdades...
A escola entende disso. Na verdade, a
escola produz isso”
(Louro, 2003, p.57).*

Nesta seção pretende-se refletir sobre as discussões de gênero e de sexualidade, considerando a escola como produtora e reprodutora das diferenças entre as pessoas, instituindo a marginalidade aos corpos que transgridam aos padrões hegemônicos. Sendo assim

Muitas escolas não têm garantido o direito ao uso do nome social e/ou o respeito a identidade de gênero dessas pessoas, alargando os motivos que propiciam à exclusão do ambiente escolar, interrompendo o direito à Educação de uma parcela considerável da população (Benevides, 2022, p. 43).

Por conta disso, segundo o Dossiê: Assassinatos e violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020:

[...] cerca de 0,02% estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental (Dados do Projeto Além do Arco-íris/Afro Reggae). Essa situação se deve muito ao processo de exclusão escolar, gerando uma maior dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social (Benevides; Nogueira, 2021, p.43).

A falta de respeito para com essa identidade de gênero acaba por se tornar motivos para o abandono e afastamento desses corpos dos caminhos da educação. Se legitimando a partir de estatísticas alarmantes em torno dessa população e a exclusão permanente no cotidiano da escola. Muitas pessoas com as quais convivi e toda sociedade só esperaram um lugar para mim.

Em 2012, quando saí da casa da minha família para fazer a universidade, meu peso diminuiu, simples situação para alguém que saiu do seu convívio/rotina familiar. Mas para algumas pessoas eu estava fazendo uso de drogas ilícitas, são os imaginários sociais que fazem dos nossos seres travestis, defeituosos. Era mais fácil “uma pessoa como eu” estar envolvida com drogas e prostituição, ao invés de estar com saudade da comida da caseira, ter comida suficiente como antes. Afirmando tranquilamente, passei muita vontade de comer as coisas que eu queria, por isso emagreci, mas para minha identidade não eram expectativas esperadas pelo imaginário de algumas pessoas.

Em relação a construção do gênero e da sexualidade dos corpos travestis, Luma Andrade (p. 121), diz que:

As transexuais, da mesma forma que as travestis, também desejam homens, mas, na condição de mulheres, elas podem também desejar outras mulheres, podem ser lésbicas. As travestis, por outro lado, não são, isoladamente, homens ou mulheres, são homens e mulheres, não existe uma fronteira fixa, podem desejar e sentir afetos por homens e por mulheres, por travestis e por transexuais. Quando os participantes indicam que as travestis são pessoas — que gostam do mesmo sexo, estão deslocando a travestilidade para o campo da masculinidade, está definindo a sexualidade através da genitália.

Gênero então se trata da forma em que nos apresentamos, aos nossos signos corporais ao mundo e a sexualidade a atração afetiva-sexual. Então, a nossa genitália não se correlaciona com essas outras concepções. Pode-se construir um corpo de uma mulher, transexual e lésbico, por exemplo.

O sexo biológico, assim como os controles sobre os comportamentos e os corpos em uma escola, não são uma fronteira que impedem a multifacetada possibilidade de existir e de se construir apenas se abre caminhos para a exclusão.

Guacira Lopes Louro (2003, p. 49-50), defende que

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente — ela é dependente de uma situação e de um momento particulares.

Os corpos estão submetidos a análises de comportamento, gestos, trejeitos, signos corporais e a partir das observações e interações sociais na escola esses corpos são julgados e considerados dentro das normas e padrões hegemonicamente construídos. Os corpos que se distanciam destas normas estabelecidas são considerados e tratados com inferioridade em vários momentos no cotidiano escolar. Essas relações de imposição cultural estão muito presentes na escola, muitas vezes praticadas pelos/as próprios/as professores/as e gestores/as.

Em relação às políticas em relação ao gênero e sexualidade, de acordo com Sonia Corrêa (2020) em uma entrevista concedida ao canal Conectas (2020):

Na América Latina como um todo, e no Brasil em particular, é no campo da educação onde o ataque ao gênero tem um efeito mais extenso e profundo. No Brasil, desde 2014 proliferam legislações antigênero na educação nos níveis estaduais e municipais. Desde 2015, vários projetos têm sido apresentados no Congresso Nacional.

Seis deles criminalizam a difusão e a propagação de “ideologia de gênero”. Isso significa que em todos os lugares em que exista a perspectiva de gênero e sexualidade como parte de uma agenda democrática de educação, secretárias/os, diretoras/es de escolas, professoras/es poderão ser criminalizados. Outro campo em que hoje desde 2019 a ideologia antigênero está instalada é a política externa. Como se sabe, o Brasil tem assumido posições sistemáticas contra o uso do termo gênero em negociações internacionais e essa pauta de política externa é obscura. A ABGLT [Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais] fez uma ação junto ao STF [Supremo Tribunal Federal] para conseguir acesso a seu conteúdo. O núcleo duro da ideologia antigênero do governo Bolsonaro está situado na interseção entre o Itamaraty, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e o Ministério da Educação. Em especial, o ministro de relações exteriores e a ministra Damare Alves deixaram isso muito claro ao longo do último ano. Ou seja, as posições antigênero estão hoje traduzidas em políticas públicas e em diretrizes estatais. Não se trata apenas de um discurso de agitação política usado pelas bases bolsonaristas.

A questão de gênero e sexualidade sempre foi uma discussão alvo de diversos tabus na sociedade ocidental. Ultimamente no Brasil podemos perceber o retrocesso no desenvolvimento social em torno dessas questões quando nos deparamos com termos como “ideologia de gênero”. De acordo com Rogério Diniz Junqueira, esse termo é promulgado sobretudo, por grupos mais “radicais” como alguns grupos e instituições religiosas, grupos políticos e outros atores sociais diversificados. Onde que por meio da instauração de uma “guerra cultural” apelam sentimentalmente e persuasivamente para a defesa da “família” e defesa de uma “moral”, utilizam desses discursos para destilar seu preconceito, conservadorismo e falsas informações em instituições como na família e na escola. Discursos estes que fazem nessas instituições “ambiências e rotinas de intolerância, ameaças e intimidações.” (Junqueira, 2018).

Diante desses inúmeros ataques e discursos antigênero, que contrariam a concepção da ciência em relação às discussões de gênero e sexualidade fragilizam ainda mais essas discussões em detrimento da moral cristã e conservadora. O que faz com que essa questão se torne necessariamente presente no cotidiano da escola para defesa e reconhecimento da liberdade individual da identidade de gênero.

Em entrevista concedida ao Jornal Diário Popular, Rogério Diniz Junqueira (2016), considera que uma escola onde não estabelece pautas para a discussão e reflexão sobre as discriminações como a misoginia, racismo e homofobia não oferecerá educação de qualidade. Para ele essas questões precisam ser enfrentadas

pois, “A escola tem que ser um lugar onde se promove o reconhecimento da diferença” (Junqueira, 2016, 00 min 58 s).

Em razão do exposto, alavancar questionamentos a respeito dessas violências na escola é caráter indispensável. Nos últimos anos vivemos um caos político, econômico e social, onde a luta pela vida se tornou uma das nossas maiores buscas pra população de mulheres travestis. Identificar e refletir sobre os obstáculos, sentimentos e resistências narradas pela memória da experiência de um corpo subalternizado, também se demonstra de relevância cultural, social, histórica e científica.

No que se diz respeito à construção científica pós-estruturalista, concepção aqui utilizada, elaboradas pela Teoria Queer sobre o se fazer homem ou se fazer mulher, essas construções não se dão a partir de interpretações do sexo biológico dos corpos (Butler, 2003). Para Judith Butler (2003), a partir da famosa citação de Simone Beauvoir “a gente não se nasce mulher, torna-se mulher” a autora se atenta ao sentido do se tornar, se construir mulher.

E quem se torna mulher? Há algum ser humano que se torne de seu gênero em algum ponto do tempo? É justo supor que esse ser humano não tenha sido de seu gênero antes de “tornar-se” de seu gênero? Como é que alguém “se torna” de um gênero? Qual é o momento ou o mecanismo da construção do gênero? E talvez, mais pertinentemente, quando entra esse mecanismo no cenário cultural e transforma o sujeito humano num sujeito com características de gênero? (Butler, 2003, p. 162).

Na visão da autora, gênero não se constrói apenas em acordo com uma binaridade sexual biológica feminina ou masculina. As transidentidades se constroem muito além das fronteiras impostas pela cisgênero-heteronormatividade cultural ocidental, e resistem em busca da sua afirmação e legitimação dos seus direitos em variados espaços. Da mesma forma, são diversificadas as cosmovisões e construções sobre gênero, o que é ser homem e mulher ao redor do mundo.

No que diz respeito aos Direitos Humanos e a interculturalidade na/da educação, de acordo com Vera Maria Candau (2008, p.46),

a relação entre questões relativas a justiça, redistribuição, superação das desigualdades e democratização de oportunidades e as referidas ao reconhecimento de diferentes grupos culturais, se faz cada vez mais estreita. Nesse sentido, a problemática dos direitos humanos, muitas vezes entendidos como direitos exclusivamente individuais e fundamentalmente civis e políticos, amplia-se e, cada vez mais,

afirma-se a importância dos direitos coletivos, culturais e ambientais.

A partir disso podemos dizer que a autora se coloca na expectativa/possibilidade de uma mudança cultural, principalmente no que se refere à coletividade dos direitos básicos do sujeito humano, ora consideradas as diversidades sexuais e de gênero. Essas mudanças podem se estabelecer na cultura ocidental com um movimento cultural em “respeito à dignidade humana mediante a promoção e a vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz” (Benevides, 2003, p.309).

Desta feita, há a necessidade do compartilhamento e estudo desses ideais de direitos para todos/as, precisamos refletir sobre a extensão dos direitos e mais possibilidades de afirmação às mulheres travestis. Levando em consideração que o Brasil lidera um *ranking* de 74 países que mais matam travestis e transexuais no mundo que em 2021 completou o 13º ano consecutivo de liderança (Benevides, 2022).

A nós, pessoas transgêneras, em resultado as diversas lutas individuais e ora coletivas junto aos movimentos sociais de afirmação e de lutas que foram e estão sendo travadas, buscamos atualmente ocupar novos e ampliados espaços de afirmação, diferentes dos impostos pela cultura ocidental colonial.

A presença destas nos espaços de convivência, de trabalho, de aprendizagem, de decisões políticas pode ajudar a desmitificar a ideia de que toda travesti se constrói na prostituição (Andrade, 2012, p. 17).

O processo de ocupar outros espaços pela população transgênero se torna emergente e de relevância social e científica, visto as estatísticas de violência no Brasil e no mundo, a pesquisa voltada para a desmitificação do ser dissidente de gênero e assim corroborar para afirmação desse público no ambiente escolar/acadêmico, engendrando maior universalização dos Direitos Humanos a esses grupos sociais diversos que compõem esse grupo. Nas próximas subseções foram discutidas questões sobre os mecanismos e controle aos corpos travestis/transexuais e o enfrentamento destes.

2.1. A transgressão da categoria gênero

*Vida e morte, travesti
Me disseram que eu nasci no corpo errado
Que eu mesma não me pertencia e não deveria existir*

*Me disserem que eu não era “de verdade”, nem aqui, nem ali
 Tenho boca, tenho olho, tenho nariz
 E com esse corpo pretendo me reconstruir
 Ora meu caro amigo, não me peça para me embutir
 Não vou ficar calada, vou gritar até alguém me ouvir
 Não me mate, eu quero apenas existir
 Não vão me intimidar, quero apenas sorrir
 Meu corpo é meu papel em branco
 Eu que vou me rabiscar
 Não você que quer me destruir.
 (Isis Valentina Inácio Borges, 2022).*

Este poema foi produzido por mim durante umas das aulas da disciplina que cursei no PPGE-UFTM, intitulada “(Des/Re)Construção das práticas pedagógicas cotidianas” ofertada pelo Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa, no segundo semestre do ano de 2022. No poema, assim como aqui nesta subseção, pretendo refletir sobre a experiência transgressora das normas impostas pelo patriarcado como um mecanismo de controle à existência da mulher travesti. Vejamos então alguns desses mecanismos de opressão e controle se dispõem.

A família está como principal instituição do capitalismo, se reproduz ali o sistema de hierarquização dos corpos. Considerando o homem como detentor do poder central, podendo ser o pai e até mesmo o filho acima do poder da mãe e filha. O patriarcado como concepção dada a partir dos anos de 1970 “o direito do pai — do marido, do noivo, do amante — de utilizar a violência de forma legítima como modo de relação política e econômica com o outro” (Preciado, 2020, p. 63).

O patriarcado não pode ser entendido apenas como o pai no topo desta hierarquia, mas sim a supremacia masculina como um todo exercendo uma dominação política e econômica em relação às mulheres. O autor chama a atenção para que isso que foi chamado de patriarcado pelas feministas dos anos de 1970, atualmente,

Ainda arrastamos essa herança mítico-teológica sob o nome de violência de gênero, encarnada agora alternativamente por pais e mães (“por minha filha, sou capaz de matar”, diria Belén Esteban), por héteros e homos, por nossos próprios políticos e inclusive pelos filhos, todos afogados em relações soberanas de sangue e de leite (Preciado, 2020, p.63).

As relações de superioridade e controle determinam o lugar de poder que os corpos se organizam socialmente baseando-se numa estética ditatorial da binaridade biológica, onde toda a sociedade pode reproduzir essas concepções. Essas teorias que consideramos pós-estruturalistas e na área dos Estudos Culturais como a Teoria

Queer, a concepção da categoria Gênero aparece como uma performance social, obtidas em contato da cultura de acordo com cada identidade de cada sujeito singular. Não se baseia essa categoria na binaridade do gênero “homem-mulher” obtidas por meio da percepção/observação das genitálias (sexo biológico).

Portanto, será compreendida a categoria gênero como uma construção performática em acordo com a Teoria *Queer* tratada em diversos Estudos Culturais como os aqui referenciados (Butler, 2003), (Louro, 2003), (Proença, 2009), (Preciado, 2020) dentre outros.

Os sujeitos considerados pela cultura branca ocidental capitalista como pessoas dissidentes de gênero, ou seja, são aquelas que não se identificam com o gênero designado ao nascer. São excluídos/as por conta dos padrões impostos por essa cultura que é hierarquizadora, definindo corpos padrões ou estranhos.

Quem são as denominadas pessoas *queers* interpretadas no Brasil? Segundo o *google* tradutor o significado desse termo na língua portuguesa aparece como “bicha”, podendo como pesquisa no próprio *google* com a busca de “*queer* tradução” podem aparecer traduções como “estranho”, “esquisito” ou “bizarro”. Esses corpos tidos como “estranhos”, são todos os corpos que se desprenderam das normativas de gênero e sexualidade impostas pelo patriarcado, ou sejam, pessoas auto declarantes LGBTQIA+.

São exemplos de alguns termos comuns que são utilizados para intitular essas identidades com corpos tidos como estranhos: “*queers*”; travestis; transexuais; intersexuais; não-binárias. “*Queer*” traduzido para o português é “Estranho”, ou seja, são os corpos fora dos padrões hegemônicos, assim como o que conhecemos no Brasil como pessoas travestis, transexuais, não binários, etc. Não-binários não se identificam nem com o gênero feminino nem mesmo ao masculino. Intersexuais ainda são considerados/as com defeitos patológicos por não se enquadrarem biologicamente e frequentemente são alvo de intervenções cirúrgicas para se adequarem aos padrões esperados (Haines; Tílio, 2021). Travestis e transexuais, apesar do que muitas pessoas pensam, a sua diferença está a partir da autodeclaração e não depende da modificação cirúrgica ou corporal. Eu me intitulo como uma mulher travesti por conta da banalização/marginalização do termo. E me sinto muito incomodada quando sou tratada no gênero masculino por meio do artigo “o” como em “o travesti” ou pior ainda se utilizar o termo pejorativo “traveco”, é uma grande falta de ética e decoro para com nossa identidade. A pessoa cisgênero é o

corpo no padrão hegemônico capitalista, ou seja, é quando o sujeito se identifica com o gênero designando ao nascer (Preciado, 2020).

Ao nos remeter à nossa história, por muito tempo adequava-se nossa identidade social como uma patologia registrada na CID (Classificação Internacional de Doenças) e no DSM (Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais) evidenciando a transexualidade como transtorno ou doença, atualmente na CID está no capítulo de “condições relacionadas à saúde sexual” e é classificada em “incongruência de gênero” continuando a ser vista como uma patologia (Sudré, 2019).

Segundo levantamentos apontados pela Associação Nacional das Travestis e Transsexuais (ANTRA), o Brasil ainda lidera o ranking mundial dos países que mais matam essa camada social que na maioria são travestis pretas nos 14 últimos levantamentos (Benevides, 2022). Assassinatos que, na maioria das vezes demonstram a brutalidade que os corpos travestis enfrentam na sociedade e cultura ocidental.

Ao conceber a identidade heterossexual como normal e natural, nega-se que toda e qualquer identidade (sexual, étnica, de classe ou de gênero) seja uma construção social, que toda identidade esteja sempre em processo, portanto nunca acabada, pronta ou fixa (Louro, 2003, p. 139-40).

Isso significa que quando se concebe um padrão de identidade como a heterossexual e cisgênero, não se reconhece a concepção pós estruturalista de que as identidades são improváveis, inacabadas e que estão sempre em um ciclo de (des/re) construção de si mesmas.

No cenário nacional, na década de 1980, Roberta Close já reivindicava de forma pública e transgressora sua identidade de gênero como mulher transexual, Elis Ferreira Veras (2016, p.174) afirma que,

O ineditismo do “mito” Roberta Close e sua repercussão na imprensa de Fortaleza possibilitaram um debate nacional acerca do “universo” homossexual, travesti e transexual, contribuindo, desse modo, para a transformação de noções cristalizadas sobre corpo, identidade, sexo e gênero.

O historiador considera em seu artigo que o “fenômeno Roberta Close”, ultrapassa ela própria com o apoio midiático e que esse debate em nível nacional contribuiu para “o desnudamento das tecnologias do sexo, gênero e corpo” (Veras, 2016, p. 178). Roberta foi sem sombra de dúvidas um grande ícone que expressou toda sua representatividade para o movimento das pessoas transexuais.

Recentemente novas artistas que se declaram mulheres transexuais e travestis vêm ganhando mais espaço na arte e na música brasileira. São algumas delas: Linn da Quebrada, As Baías, Urias, Liniker e Majur.

Na 23ª edição do Grammy Latino, tivemos uma mulher negra e travesti vencedora da categoria de melhor álbum de música popular brasileira com o “Álbum” *Indigo Borboleta Anil* da cantora e atriz Liniker (Griori e Germano, 2022). No ano de 2021, a multiartista foi protagonista da série da *Amazon Prime Video* com o título “Manhãs de Setembro”. Sua primeira atuação onde viveu a personagem Cassandra, que trabalhava com muita garra como moto *girl* para alcançar seu sonho de ser artista, a noite cantava em boates. A série tem como discussão central os diferentes formatos familiares (Braga, 2021).

Linn da Quebrada, em parceria com a Liniker, com seu terrorismo de gênero cantam aconselhando-nos que apesar de todas nossas batalhas diárias: “Mas não se esqueça. Levante a cabeça. Aconteça o que aconteça. Aconteça. Continue a navegar. Continua a navegar. Continue a TRAVECAR. Continue a atravessar” (Serei A, 2017). E nessa sonoridade atravessamos mares de dúvidas e de medo para ser o que somos todos os dias.

Urias também transgrediu as normas hegemônicas de gênero, cantando a música *hit* “Diaba”, a qual busca refletir sobre o corpo preto travesti, transviado e afeminado, denuncia que pode ser “vista por muitos como o mal” (Diaba, 2019). Denuncia e enfrenta os estigmas que historicamente foram construídos para os seus corpos em um país racista e transfóbico atingindo “a escala mundial” (Diaba, 2019).

Em 2021, Majur lança seu primeiro álbum solo, com uma musicalidade afropop e em prol da liberdade de gênero ela canta “Seja o que quiser ser, o importante é ser você” (Seja o que quiser ser, 2021). Esse é como um pedido que ecoa de dentro em cada mulher transexual que busca a transição, e ao mesmo tempo tudo que queremos ouvir de quem amamos.

A dupla As Baías, Raquel Virginia e Assucena cantam “Sou diva, sou diva Deusa urbana, Sou a dama da night” (Dama da night, 2017). Expressam como nós mulheres transexuais devemos nos sentir e viver, como divas e dama da noite, que somos, por onde estivermos e passarmos.

No ano de 2022, eu juntamente com a Profa. Dra. Leandra Domingues Silvério produzimos e publicamos, como já citado, um capítulo para o livro “Feminismo das maiorias” intitulado “Mulheres travestis multiartistas no enfrentamento histórico dos

estigmas da bixa preta.” Nele buscamos refletir sobre a visibilidade dessas multiartistas para a desconstrução e enfrentamento dos estigmas impostos aos corpos travestis e negros. Essa foi uma pesquisa vinculada ao Laboratório de Estudos sobre História Agrária e Movimentos Sociais (Lehams-UFTM) (Borges; Silvério, 2022).

Thiessa Woinbackk, foi protagonista do filme *Valentina* (2020), um filme dramático que marcou e ecoou em mim. Uma adolescente transexual luta para ser aceita em uma pequena cidade do interior. O filme também chama a atenção a discriminação que ela sofre, por ser estudante transexual, no seu cotidiano escolar com o nome social e o corpo que ela escolheu ser, lutando por respeito e aceitação (*Valentina*, 2020).

Essas mulheres transgrediram os padrões e mostraram na arte o enfrentamento aos estigmas impostos por padrões sociais, culturais e econômicos hegemônicos. Onde os corpos travestis/transexuais são comumente excluídos. Teoricamente se considera esses padrões como impostos pelo próprio sistema capitalista.

O Brasil é o campeão mundial de assassinatos de pessoas transexuais pelo 13º ano seguido em 2021. E ao mesmo tempo

se torna esse universo paradoxal, como o país que mais consome pornografia e mais assassina trans no mundo, quase como uma tentativa de apagar o rastro do gozo da morte e de seus desejos perversos, abjetos e “antinaturais” (Benevides, 2022, p.49).

Eles nos desejam, nos consomem, nos matam e nos jogam a própria sorte. A dicotomia do desejo e da morte que faz desse mundo um lugar pior para nossos corpos marcados, todos os dias. A próxima subseção discute sobre algumas mulheres transexuais que romperam estigmas e adentraram os caminhos da educação formal continuada e da pesquisa científica na Universidade.

2.2. Mulheres travestis na Universidade

Destaco aqui, que no cenário educacional brasileiro recentemente surgem algumas mulheres transexuais e travestis que transgrediram as normas sociais de exclusão em relação a educação/profissionalização, adquirindo títulos de pós-

graduação. Isso pode demonstrar uma certa ruptura e transgressão nesse processo de marginalização, que leva essa população para fora do trajeto da educação formal.

As mulheres transsexuais e travestis que ousaram caminhar onde, por muito tempo, não podíamos caminhar. Elas são pesquisadoras e transgressoras dos padrões impostos no cotidiano da escola. Nessa pesquisa, tomo a caminhar por esses caminhos e portas que essas mulheres travestis pesquisadoras abriram. Sabendo-se que muitas de nós não tiveram e ainda não tem as mesmas oportunidades que tivemos. Seguem algumas dessas inspiradoras e transgressoras mulheres travestis/transsexuais:

Jaqueline Gomes de Jesus (2010) defendeu a tese de doutorado “O protesto na festa: Política e carnavalização nas Paradas de Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transexuais (LGBT)” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Tem sua coleta de dados a partir de entrevistas semiestruturadas na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. De acordo com a pesquisa houve uma resposta comum das/os entrevistadas/os, de que esses eventos contém um duplo caráter: festivo e político.

Luma Nogueira De Andrade (2012) defendeu a tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará intitulada: “Travestis na escola: Assujeitamento e resistência à ordem normativa”. Nesta tese, a pesquisadora através de questionários com estudantes do ensino médio de três escolas no Ceará, questionou sobre ser jovem travesti na escola. Para a autora “A negação das travestis no espaço da sala de aula resulta no confinamento e na exclusão, que as transformam em desviantes e indesejadas.” (Andrade, 2012, p. 7).

Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) defendeu no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Paraná, a tese: “O Diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na Educação”. Megg buscou por meio de uma metodologia (auto)biográfica e uma abordagem interseccional, discutir sobre as disputas de poder no racismo e na homofobia. Também analisou a experiência de gays afeminados, viados e bichas pretas no ambiente educacional. Para ela

As experiências individuais, do gay afeminado, do viado ou da bicha preta, preservadas na memória podem ser o resultado de reflexões atualizadas por vivências de hoje, mas também podem disparar

mecanismos de controle dos atos do presente (Oliveira, 2017, p. 37).

Apontando as marcas do tempo (passado-presente-futuro) e da historicidade da experiência individual para construção da concepção de si mesmos e como existem no mundo, sob a mira dos diversos mecanismos de controle dos corpos.

Adriana Barbosa Sales (2012) na dissertação intitulada “Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis”, foi apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (Campus de Rondonópolis). Adriana analisou a narrativa de três estudantes travestis matriculadas na Educação básica e pública do Estado do Mato Grosso. A autora considerou que cada narrativa transpareceu suas singularidades sobre seu processo de formação para “que contemple todas as possibilidades de construção social sempre preconizando, até então, uma escola transfóbica, sexista, homofóbica e que é palco de tensões que demandam olhares mais democráticos para o humano” (Sales, 2012, p. 7). Para ela essas narrativas podem chamar atenção para os padrões que sutilmente a escola pode impor aos corpos travestis.

Essas mulheres travestis e transexuais, com suas produções multiartísticas (seção anterior) e pesquisas acadêmicas, expressam representatividade, mostram a nós mulheres transexuais/travestis e a sociedade que podemos enxergar nossos corpos a ocupar e transitar em muitos espaços em qualquer tempo. Transgredindo os empregos não formais que querem nos impor a todo custo, à marginalidade na sociedade. Podemos ser atrizes, cantoras, escritoras e também professoras! Mulheres estas, também me inspiraram e abriram espaço para que eu pudesse viver, querer e *poder* estar em uma Universidade, garantindo meu direito e acesso à Educação Superior. No ano de 2021 também pude ter o *poder* e acesso de matricular em uma Pós-graduação pública e gratuita.



Fonte: Da autora.

Este foi o pontapé para que eu nunca mais desfizesse de mim mesma. De poder continuar na luta por existir e insistir em me moldar nas minhas próprias linhas. Pude decretar a mim mesma e as pessoas a minha volta que a Educação importa e foi essencial pra minha aceitação, respaldo para mudança e costura do meu corpo ao meu ser. Um pouco do respeito pode respingar em mim. Quantas vezes eu ouvi que não iria conseguir e nem poder ser o que eu queria. Por tanto tempo batalhei para construir em mim a mudança que eu queria para o mundo. Meu gênero e sexualidade insistiram e transgrediram os caminhos que designaram para mim antes de nascer.

2.3. Dos muros das escolas às passarelas da Universidade Pública

Quem vê Alice passando pelos corredores da Universidade com uma energia e beleza estonteantes, com uma grande rede de apoio e empatia a sua volta. Com um grande sentimento de liberdade que ela nunca, outrora, havia de ter sentido. Mas o que será que poderia ter ocorrido com Alice nos anos antes desse desfile glorioso nos corredores da Universidade Pública?

Acontece que vou lhes contar somente parte dessa história. Antes de conseguir sua tão sonhada vaga na Universidade Pública, Alice ainda nem era Alice, se chamava Alisson. E sua infância e adolescência não teria sido tão fácil assim. Por anos ela teve que fingir ser quem não era.

Na escola pública que ela frequentava, não a aceitavam muito bem, nem colegas e nem professoras(es), sempre faziam piada e riam da cara dela.

Mas isso nem era a pior parte.

Muitos muros de preconceito ela tivera que atravessar ao longo dos anos.

Pasmem... já quiseram colocar Alice pra jogar futsal no time sem camisa.

Mesmo que nesse tempo ela ainda se chamava Alisson. Já fora o suficiente para reforçar o que já sentia... que não era um garoto.

Resistindo a muitos muros de preconceito, Alice venceu, mesmo que de origem humilde, filha de trabalhadoras, com muitas dificuldades e poucas oportunidades teve a chance de passar no vestibular e conseguir sua vaga na tão sonhada Universidade Pública.

Lá ela conquistou mais espaço, para se construir e se reconstruir.

De picumã em picumã, ou seja, de cabelo em cabelo. A cada dia ela pôde se tornar mais ELA.

E assim com beleza e vida, Alice é cada vez mais Alice.

Quando falamos no acesso de mulheres travestis à Universidade, estamos falando minimamente sobre uma reconstrução cultural para a legitimação democrática dos Direitos Humanos e conforme afirma Benevides (2003, p.310),

[...] quando falamos em formação de uma cultura de respeito aos direitos humanos, à dignidade humana, estamos enfatizando, sobretudo no caso brasileiro, uma necessidade radical de mudança. Assim, falamos em cultura nos termos da mudança cultural, uma mudança que possa realmente mexer com o que está mais enraizado nas mentalidades, muitas vezes marcadas por preconceitos, por discriminação, pela não aceitação dos direitos de todos, pela não aceitação da diferença.

Uma mudança cultural quiçá poderá ocorrer a partir de estudos e difusão de conhecimentos que possibilitem olhares para os direitos de camadas sociais diversificadas e que são mais subalternizadas (dissidentes de gênero, pretos e pardos, os mais pobres, que tenham alguma dificuldade intelectual e/ou física, lésbicas, homossexuais, intersexuais etc.) dentro do espaço escolar, pode-se promover uma mudança cultural baseada na universalização dos Direitos Humanos, estendendo-os cada vez mais a novos grupos deslegitimando essa base cultural colonial, disposta por hierarquias de privilégios e fundadas na discriminação e no ódio a esses determinados grupos sociais/culturais supracitados.

A cada uma de nós que ocupa um espaço social que não é destinado aos nossos corpos pode auxiliar a outras como nós, a observar que podemos ocupar qualquer espaço que quisermos estar. Também é possível construir nossas identidades, e ao mesmo tempo, uma carreira nos espaços profissionais formais, longe da criminalidade, da violência extrema e da prostituição. A próxima seção tratará sobre um desses corpos que transgrediu e ousou a aterrorizar as normas e mecanismos capitalistas de controle social, cultural e econômico. Pretende-se abordar mais sobre as narrativas da memória ao longo da minha (trans)formação como mulher-travesti-professora-pesquisadora.

3.UMA TRAVESTI DISCENTE/DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR: NARRATIVAS DA (TRANS)FORMAÇÃO

Embarquei nos caminhos da educação formal para ter melhores condições de vida, onde sigo até hoje. Esta seção tratará a despeito da minha trajetória de formação e de transformação, ou seja, sobre o processo em que me torno cada vez mais uma professora travesti em (trans)formação contínua e transgressora.

3.1. Memórias da (Trans)Formação

Minha infância e meu primeiro ano na escola foram períodos bem conturbados e com muitas dificuldades financeiras, porém, com cinco anos minha mãe conta que eu pedia muito para que ela me matriculasse na escola, já que minha irmã estudava

e eu não. Estudei em três escolas nesse primeiro ano escolar na região e próximo ao município de Sacramento – MG: Escola Estadual Sinhana Borges, Escola da Usina Jaguará (próxima ao município de Rifaina – SP) e Escola Estadual Barão da Rifaina, respectivamente.

Como meus pais não tem escolaridade no início foi muito difícil para que se estabilizassem em um emprego. Alguns patrões não aceitavam que os funcionários tivessem filhos ou pagavam de forma bastante exploratória. Essas questões trouxeram certa dificuldade para que minha família se fixasse. Tempos difíceis, lembro de ver minha mãe revirando a casa para procurar uma moeda de cinco centavos para comprar um suco em pó para dar ao meu irmão que amava leite, não tínhamos muitas condições, às vezes ganhávamos lápis de colorir e cadernos de alguns patrões, mas poucos materiais.

Meu pai e minha mãe trabalhavam nas vagas que apareciam, algumas vezes na colheita do café, enquanto minha irmã mais velha cuidava de mim e do meu irmão. Minha irmã tinha por volta de nove anos, ainda era uma criança cuidando de outras, eu e meu irmão, temos um ano e meio de diferença, brincamos que essa era a época do “arroz melequento”. Minha mãe relata a dificuldade para conseguir vaga em creche, então era preciso que os dois trabalhassem, pois, só uma renda não dava para alimentar nossa família. Mesmo assim passávamos dificuldade, como o trabalho era em maioria em colheita de café, muita exploração no trabalho braçal, que é tão essencial para a sociedade e economia. Muitas vezes tínhamos que ir para a colheita junto a nossa mãe e pai, minha mãe conta que do quão era perigoso para nós crianças, já que sempre havia cobras peçonhentas e que já nos salvara por diversas ocasiões. Contudo, desse período, nunca me esquecerei do cheiro do molho de salsinha esquentando na marmitta com fogareiro à álcool.

Já na pré-escola, aos seis anos, conseguimos moradia e trabalho em uma fazenda produtora de leite próxima a Sacramento – MG. Nesse lar nos fixamos por pelo menos 11 anos, conseguimos conquistar aos poucos e com muita luta o financiamento do terreno da casa que moramos atualmente, essa moradia foi sendo construída aos poucos, até hoje ainda precisa de algumas reformas e adequações. Moramos em sete pessoas nela. Meu Pai Alemar, minha mãe Ivanilda, Minha irmã Ana Regina, minha sobrinha Julia Marise, meu cunhado e meu namorado. Também habitam nesse espaço alguns animais resgatados do abandono: um cão e três

cadelas (Raguiner, Sophia, Penélope e Maila) e duas gatinhas (Olga e a Frida), além desses uma maritaca também resgatada chamada Priquita.

Minha mãe mesmo morando na cidade ainda não desistiu da sua criação de galinhas. Sempre tive muito vínculo emocional com os animais domésticos, sempre cuidei com muito esmero, quando morávamos na fazenda sempre estava envolvida, desde os partos das porcas, das vacas e em cada ovo que se partia dando vida a um pintinho. Quantos passarinhos caídos devolvi aos seus ninhos. Esse amor e respeito à vida sempre fez parte da formação do ser humano que me tornei e ainda me transformo.

Na E. E. Sinhana Borges estudei boa parte da minha formação básica, nessa época já tínhamos uma maior estabilidade financeira e de moradia. Lá cursei da 1ª a 4ª séries do ensino básico, depois a 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, concluindo essa etapa (7ª e 8ª séries do ensino fundamental) *a posteriori* na Escola Estadual Afonso Pena Junior também em Sacramento. Todo meu ensino médio foi cursado na Escola Estadual Coronel José Afonso de Almeida, onde atualmente atuo como docente. Já na 3ª série dos anos iniciais, sofria discriminação e preconceito dos meus e minhas colegas de turma, sempre antes da hora do recreio me caçoavam com apelidos como “mãozinha eletrônica”, “viadinho” ou de “mulherzinha”, por conta dos meus trejeitos e semblante afeminado. Minhas professoras também tinham parte nesta exclusão que eu sofria pelo fato de se calarem diante de atitudes tão covardes.

3.2.O menino que jogava livros

Ícaro tinha acabado de se mudar de escola e matriculado na terceira série de uma escola estadual. Em seu histórico escolar sempre havia boas notas, motivo de grande orgulho para sua família. As notas nunca foram o seu problema na escola, contudo, esse nunca fora seu maior problema.

Ele era uma pessoa bastante educada e comunicativa, gostava muito de aprender. Ele tinha seu jeito único de ser, talvez ele não esperasse o que lhe aconteceria na nova escola por conta disso.

Apenas depois descobriria ao longo dos dias as cenas aterrorizantes que o aguardavam.

Após passados alguns dias letivos, Ícaro sempre sorridente, aguardava o fim da aula para o recreio com muita vontade de comer o lanche da escola nova.

Eis que com o tocar do sino, vários colegas de classe cercaram a sua mesa aos berros: “Ícaro é mulherzinha”.

Ícaro cercado, apenas se deita em sua carteira aos prantos, enquanto a professora saía de fininho sem alertar a turma a nenhum comentário.

O recreio foi se tornando um grande motivo de tormento e martírio. Ir para a escola passou a ser motivo de medo e repressão, mas ele nunca desistira.

Com o tempo, de tantas agressões sofridas, Ícaro se voltou contra a implicância da turma e disse que não era “mulherzinha” era apenas um garoto que ainda estava se conhecendo e aprendendo mais do mundo, assim como todas as pessoas daquela sala. Disse também que ninguém era igual ou melhor que ninguém e não podiam fazer o que estavam fazendo.

Após isso, como um ato de revolta, jogou seus livros no chão e saiu da sala. Todos e todas da turma se calaram.

No outro dia, os/as colegas de classe foram lhe pedir desculpas, pois sabiam que estavam errados/as ao querer humilhar uma pessoa apenas por ela não corresponder as suas expectativas de aparência.

Ora, todos e todas tinham o mesmo direito de estar ali.

Com o tempo até a própria professora foi aprendendo a respeitar mais aquele aluno que todo mundo dizia ser estranho.

Algo que foi bastante relevante em minha formação escolar foi o acesso à *internet* a partir do ano de 2007 (estava na 8^a série, último ano do ensino fundamental, no ano de 2006 fomos contemplados com nosso primeiro computador em casa por meio do programa “Programa Computador para Todos”¹, onde milhares de famílias de baixa renda, puderam ter acesso com preço acessível. Essa foi uma grande oportunidade para meu processo de construção educacional. Antes dessa conquista, eu tive que fazer vários dos meus trabalhos de pesquisa da escola, na biblioteca Municipal de Sacramento, na Casa de Cultura Sergio Pacheco no centro da cidade, mesmo morando na fazenda eu me esforçava. Muitas vezes voltei a pé dessa

¹ CESAR, Ricardo. **Governo lança programa 'Computador para Todos'** Biblioteca Digital Institucional do Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/455222> Acesso em: 05 nov. 2022.

biblioteca até a fazenda onde morava (cerca de uns 4 km de distância), em uma dessas vezes que percorri esse trajeto, sofri meu primeiro assédio sexual por um homem (nesse momento eu não fazia ideia do que estava acontecendo comigo).

A estrada da fazenda onde eu morava era o mesmo caminho dos caminhoneiros que levavam batatas para serem lavadas e comercializadas. Um dos caminhoneiros me ofereceu carona várias vezes durante parte desse percurso, na divisa da estrada a última frase “Você não me faz uma boquetinha?” o ponto final da conversa, eu disse não e corri. Só parei para respirar (tive bronquite até os sete anos) na fazenda antes da minha casa, porque lá tinha cachorros bravos e eu tinha que demonstrar calma. Mas estava próxima de pessoas que podia pedir ajuda. Depois disso nunca mais fiz qualquer trajeto a pé até a fase adulta.

No ano de 2005 com 13 anos. Esse foi só mais um dos monstros em minha infância, ainda não entendia o que era uma relação sexual. Ainda estava descobrindo a masturbação e o sexo comigo mesma. Aos 14, assim como boa parte das minhas amigas, tive minha primeira relação sexual, ele tinha uns 32, homem casado, cisgênero. A relação começou sem meu consentimento, enquanto eu dormia. Esses atravessamentos podem ser ‘comuns’ em uma cultura onde o estupro e a pedofilia são naturalizados.

Para dizer e refletir sobre meu corpo, que para mim é ligado ao meu espírito, além da cultura repressora que recebi, é indispensável tratar sobre onde fui acolhida. Nisso a religião assumiu esses dois lugares, esteve ao meu lado e contra mim em cada passo meu. Entre os 14 e 15 anos conheci um pouco da cultura religiosa da Wicca (bruxaria moderna), cultuava a natureza e a Grande Mãe. Isso mexeu comigo de uma grande forma, estava como uma bruxa solitária, mas conectada a outras bruxas pela *internet*. Da bruxaria Wicca a matriz africana, o culto à natureza começou a fazer parte de mim desde essas novas descobertas. Fiz minha autoiniciação na wicca pouco depois que a conheci, como bruxa solitária. Antes disso, transgredi uma norma imposta por minha mãe que se dizia católica mesmo sem ir à igreja, “se acender vela colorida dentro de casa, não vai mais morar nessa casa”. Ameaça ineficaz para alguém que não me abandonou nem quando eu rodava saia da minha irmã desde os dois anos de idade, já era visto que minha identidade era desviante.

Como não rir e chorar desses momentos, hoje em dia ela até me dá pedrinhas da cachoeira e elogia meus incensos. Não sabe viver sem mim, nem eu sem ela, “vítimas” de um amor verdadeiro. Aos poucos com muito amor e paciência pude

explicar a ela que aquelas velas coloridas representam a própria natureza e nossos desejos.

No ensino Médio tive mais contato com a matriz africana a partir da Umbanda. Na universidade meu primeiro projeto de monografia pesquisei junto a Profa. Dra. Glaura Teixeira, com história local e regional escolhi a vida e obra de Eurípedes Barsanulfo, um líder espiritual em Sacramento – MG onde fundou o primeiro colégio espírita do Brasil (Colégio Allan Kardec). Baseados em métodos mais libertadores na educação já no ano de 1907 (Eurípedes Barsanulfo: educador e médium, 2007).

No início da infância eu acreditava que era considerada “normal” nos padrões hegemônicos eu ter comportamentos diferentes como colocar uma camiseta na cabeça e fingir que eram meus cabelos. Aos dois anos eu amava colocar a saia da minha irmã e ficar rodando para vê-la girar por todos os cantos da fazenda onde eu morava. Lembro-me de uma conversa ainda bem jovem com um dos meus primos em que eu disse que eu preferia meninos, que eles eram mais bonitos. Até aquele momento eu pensava que tudo aquilo que eu sentia era visto como “normal” pelas pessoas da minha comunidade, ter gostos diferentes, até que com tempo fui aprendendo que o aceitável era o contrário daquilo que eu era. Fui levada a acreditar na minha falsa e errada existência.

Na escola sempre estive alocada em grupos de garotas e durante as aulas de Educação física isso ficava ainda mais explícito. Eram separados dois grandes grupos, o de garotas que jogavam voleibol e dos garotos que jogavam futsal. Eu obviamente me interessava mais pelo voleibol, assim a todo bimestre eu era a única estudante que nunca faltava às aulas que tinha a nota reduzida por não frequentar as aulas de futsal. A discriminação de gênero também estava ali. Durante os jogos do município entre as escolas, fui obrigada a participar do futsal, pelo menos na reserva. O time decidiu não me deixar jogar já que eu não praticava, quando o time foi premiado com medalhas, meus colegas não queriam que eu recebesse a minha, me humilhando na frente da turma do 6º ano do ensino fundamental. Meu professor na sala riu, mas depois foi pedindo para a turma se conter, um episódio muito marcante onde mais uma vez eu era humilhada na escola e a mais triste delas nas aulas de Educação Física.

3.3. Um garoto estranho nas aulas de Educação Física

Prestes a completar seus 12 anos, Henrique era um garoto esperto, já falava pelos cotovelos desde mais novo. Sempre adorava jogos e brincadeiras principalmente os que exigiam raciocínio lógico e agilidade.

Também passava horas no vídeo game com seu irmão mais novo jogando em um aparelho antigo chamado Super Nintendo. Amavam Super Mario e jogos de luta.

Mas como nem tudo é fácil... Henrique já demonstrava seus gostos peculiares e sempre o tratavam diferente por conta disso...

Pera aí, pausa para uma foto... sim... isso mesmo, Henrique desde novinho já “colocava a cara no sol” ou melhor já “fazia carão”.

Sempre escolhia as personagens mais belas e perigosas no jogo do Mortal Combate III, Sindel era sua preferida, “bem garota” Henrique não perdia fácil uma luta.

Na escola não era difícil perceber as diferenças com os outros garotos daquela idade.

As aulas de Educação Física eram um terror para ele, o professor queria obrigá-la a jogar futsal com os meninos e os garotos já diziam logo ao professor: “Ele só joga vôlei com as meninas”, como se não o quisessem junto a eles.

Henrique então jogava com as meninas, se sentia mais acolhido com elas, afinal ele sempre pensou como menina presa naquele corpo de menino. E por conta disso tirava notas menores que os/as coleguinhas apenas por ser quem era.

Naquele tempo as pessoas pensavam que nos esportes havia gêneros, jogos de homens e jogos de mulheres, ou era um ou era outro. Henrique foi aprendendo que nenhum destes ele ou ela era.

Com o passar dos anos, foi cada vez mais aprendendo que no mundo as pessoas não podiam mais ser divididas em dois. Foi cada vez mais se reconhecendo e até que um belo dia decidiu se tornar a Sophia.

Sobre as aulas de Educação Física, Louro (2003, p. 72-73) explica que:

Se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as

venham trabalhando em regime de coeducação, a Educação Física parece ser uma área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações. Uma história dessa disciplina, muito vinculada à Biologia e, então, à manutenção da saúde e da higiene, contribuiu para que aí fossem acionadas justificativas de ordem biológica (da ordem da "natureza") para a separação das turmas femininas e masculinas. Mesmo com o aporte das novas teorias e com os questionamentos provenientes dos Estudos Feministas, o debate sobre as "diferenças de habilidades físicas" entre os sexos continua controverso. Mais importante, contudo, do que determinar se as distinções percebidas são naturais ou culturais, talvez seja observar o efeito que essa questão vem tendo na organização e na prática da disciplina.

Para Louro (2003), essa disciplina historicamente tem suas bases vinculadas à Biologia. Sendo assim o gênero é baseado na binaridade do sexo biológico o que separa os corpos em femininos e masculinos. Meu corpo e minha identidade não pertenciam a nenhuma dessas designações, então mecanicamente eram descartados e humilhados, principalmente nessas aulas. Mesmo com notas inferiores e sendo humilhada, assim como Linn da Quebrada *“Entre ser homem e ser mulher, eu prefiro ser eu”*² persisti e preferi me vestir mais de mim mesma com o passar dos anos. Adriana Sales (2012, p.15), argumenta:

Tal fato ocorreu tendo em vista que o mundo das travestis se fez singular nos estilos e identidades, tratando-se de um grupo de significados, com linguagens específicas, regras próprias, história de formação identitária exclusiva, uma imagética peculiar, reprodução do mundo feminino e todo contexto de sobrevivência na mais truncada situação de rejeição e discriminação. As travestis fazem parte de um universo ensinado na lida, no trato do dia a dia, muitas vezes num mundo de sofrimentos e vulnerabilidades, como a prostituição, que as faz lutar contra um poder absolutista que fere todos seus anseios, desejos e conhecimentos enquanto indivíduos e sempre as fez marginais. O sentimento de rejeição social é muito comum no cotidiano de crianças transexuais e travestis. Levando-a a ter medo de ir para a escola. Muitas de nós, por esses e outros motivos deixam a continuidade da escolarização de lado por conta desse terrorismo para com nossos corpos transgressores do gênero.

Ao se comparar as atitudes e comportamentos com outras crianças cisgêneras, é fácil perceber muitas dissonâncias, cada uma com suas singularidades e seu tempo

² VIEIRA, Mario Rui. Filme com Linn da Quebrada encerra hoje o Queer Lisboa: “Entre ser homem e ser mulher, prefiro ser eu”. **BLITZ**, 22 de nov. 2018, Notícias. Disponível em: <https://blitz.pt/principal/update/2018-09-22-Filme-com-Linn-da-Quebrada-encerra-hoje-o-Queer-Lisboa-Entre-ser-homem-e-ser-mulher-prefiro-ser-eu#:~:text=O%20document%C3%A1rio%20%22Bixa%20Travesty%22%2C,21h%20no%20Cinema%20S%C3%A3o%20Jorge>. Acesso em 05 jul. 2021.

para vestirem mais de si mesmas. Meu pai e minha mãe sempre tentam me proteger como, por exemplo, da fome e do frio, tentaram também proteger do preconceito e da discriminação, padronizando o meu comportamento, minhas atitudes e signos corporais. Mesmo que inconscientemente estavam fazendo o contrário, inviabilizam a autodeterminação da criança, segundo Paul Preciado (2020, p.71):

O que meu pai e minha mãe protegiam não eram os meus direitos de criança, mas as normas sexuais e de gênero que haviam sido inculcadas dolorosamente neles mesmos, por um sistema educativo e social que punia toda forma de dissidência com a ameaça, a intimidação, o castigo e a morte. Tinha um pai e uma mãe, mas nenhum dos dois podia proteger meu direito à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade.

Para o pesquisador transexual, o pai e mãe de uma criança LGBTQIA+ pode então não defender os direitos da criança, mas sim as regras sexuais e de gênero impostas pelo patriarcado presentes na cultura ocidental. Aos poucos fui descobrindo a partir das críticas ao meu comportamento e enfrentando esse paradigma que compunha minha identidade. A saia que eu gostava de brincar, meu pai e mãe teriam deixado apodrecer no curral onde eu costumava brincar, seguindo essas normas e padrões definidas culturalmente para meu corpo biológico.

Assim, aos poucos e singularmente, com o passar da minha trajetória estudantil, foi apenas na graduação que pude me empoderar de quem eu era por dentro. De poder olhar no espelho mais feliz e me sentir mais bonita. Durante o fim do meu curso de graduação iniciei a transição, aos poucos fui me tornando um pouco mais de mim. Esse processo de transição é sempre muito singular e diz respeito apenas a cada uma de nós. Uma amiga travesti começou sua transição depois de mim e já fez a cirurgia de redesignação sexual. Algo que ainda nem passa pela minha cabeça agora e o que muitas querem mais não possuem os recursos financeiros para custear tal investimento. Na próxima subseção narro um pouco da minha trajetória após a transição de gênero.

3.4.Uma professora travesti na sala de aula

Assim como discutido anteriormente na primeira seção sobre a pesquisa narrativa apoiada na memória, os relatos de uma mulher travesti, no processo de

formação e no cotidiano da escola estão cravejadas de memórias sobre um tempo da política que mata, fere e humilha relevante parcela desses corpos. Nesta subseção trarei sobre os caminhos da formação acadêmica até a atuação profissional.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas (Louro, 2003, p.59).

No ano de 2017, graças a políticas de expansão das universidades públicas brasileiras, promovidas no ano de 2005, com a transformação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM, na atual Universidade Federal do Triângulo Mineiro, a UFTM. Tive a oportunidade de ingressar em um dos cursos de licenciatura, uma vez que eu não teria condições financeiras e econômicas para ingressar em alguma instituição privada de educação.

Nesse espaço, além da minha transição e afirmação de gênero, desenvolvi minha monografia, intitulada "Transgêneros e a Insubordinação ao Patriarcado Cisgênero-Heteronormativo: problematizações na afirmação de gêneros em Sacramento – MG. De onde provém tanto glitter?" para conclusão do curso de licenciatura em História (2018). Essa pesquisa foi vinculada a linha de pesquisa Estudo de Gênero e Movimentos Sociais, do Laboratório de Estudos sobre História Agrária e Movimentos Sociais (Lehams), e ao projeto de pesquisa "Estudos de Educação, Gênero, Campo, Cidade e Movimentos Sociais", coordenado pela professora Leandra Domingues Silvério e registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa da UFTM (Borges, 2018).

Também orientada pela mesma professora, a monografia foi desenvolvida a partir da metodologia da História Oral, com um de seus objetivos voltados para a produção de fontes orais. Para tanto, foram entrevistadas duas mulheres autodeclaradas transgêneros e um homem transexual no município de Sacramento – MG, onde nasci e atualmente resido.

Essa produção científica fez com que me instigasse ainda mais a pesquisa nessa área, pesquisar sobre as relações humanas de pessoas, que como eu

autodeclaradas transexuais e que ocupam um lócus de exclusão social. Foram entrevistadas Amanda, Cibele e o Denny. Junto a cada uma dessas pessoas falamos sobre o processo de transição e sobre os mecanismos de resistência em cada um dos processos. (Borges, 2018). Essa pesquisa tornou-se pra mim um objetivo vital, pois, abriu se em mim um mar de inquietações e dúvidas que procuro sempre empreender e compreender principalmente por meio da pesquisa científica.

Ao longo dos últimos cinco anos desenvolvi pesquisa e estudo em torno dos estudos de gênero, sexualidade, raça, diversidade, história e educação, assim pretendo utilizar nesta pesquisa referenciais teóricos críticos à cultura colonial e que consideram essa construção cultural do sujeito, bem como que se põem a favor da universalização dos Direitos Humanos, considerando as noções da interculturalidade das pessoas dispostas na sociedade.

Estamos cansadas de sermos as “primeiras”, a primeira transexual/travesti com graduação na minha cidade, a primeira transexual/travesti do atual programa de pós em que faço parte. Onde estão as outras de nós. Apenas 0,02 % tem o acesso ao ensino superior.

Ao longo da minha jornada como professora travesti na Educação Básica no Estado de Minas, nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, passei por muitos percalços e discriminações. Desde o início da minha carreira como contratada pelo Estado de Minas Gerais, sofri com várias questões como uma professora travesti, dentre elas a questão do meu nome social nos registros da escola, como no diário eletrônico, assinaturas no ponto de trabalho, atas de reuniões. Sempre fui submetida ao uso do nome de registro e não do nome social, ainda que no mesmo ano do início do meu primeiro contrato (2018) foram implementadas nova legislação em relação ao uso do nome social.

No ano de 2022, continuo atuando como professora no Estado de Minas, e o sistema da Secretaria Estadual de Educação não aceitou meu nome social. Agora já com o meu nome alterado em registro de nascimento, documento de identidade, Cadastro de Pessoa Física (CPF), ainda aguardam na secretaria da escola, a mudança do nome no diploma para que este seja efetivamente alterado em todos os meus registros. Mas todos/as na escola me tratam como professora Isis, a maioria nem sabe sobre a minha condição como mulher travesti, principalmente para os discentes que sempre mais me acolheram.

São muitas as possibilidades de existência presentes no cotidiano escolar, e ali também estarão concebidos lugares e formas diferentes para cada pessoa.

*[...]Essa gente amargurada
Desconhece a realidade
Não sabe que a travesti
Enfrenta a dificuldade
Passando por violência
Sem receber caridade.*

*Muitas não podem estudar
Pois na escola vão sofrer
Com deboche e exclusão
De pequena até crescer
Porque a tal educação
Só uns poucos podem ter.*

*As famílias não aceitam
E as expulsam de casa
Muitas que vão para a rua
Foram antes deserdadas
Sem saída e sem carinho
Acabaram abandonadas.*

*Tantas ficam sem escolha
Vão pra prostituição
Pois só assim têm dinheiro
Pra comprar a refeição
Não que isso seja errado
Mas não há muita opção [...].
(Jarid; Gitzel, 2016)*

O trecho acima foi retirado do poema “Cordel – Travesti não é bagunça” de Jarid Arraes. É uma reflexão sobre o cotidiano da mulher transexual ou travesti, as dificuldades na vida prática afetam terminantemente a qualidade de vida dessas pessoas. Sofrem frequentemente exclusão em casa com a família e na escola, que são peças fundamentais de formação do sujeito.

3.5.Uma professora (Blas)fêmea no banheiro da escola.

*A professora Gina há poucos anos tinha descoberto ser uma mulher travesti.
Há pouco havia se formado. Aos poucos passava a existir.*

*No fim do mesmo ano em que se formava a professora ela conseguiu seu
primeiro contato na escola estadual da cidade vizinha.*

Ao chegar em seu primeiro dia de seu primeiro contato, sorridente e atenta.

Nos corredores da escola, cruzeiros e santos estampavam os princípios da escola.

Aos poucos ela foi sendo ignorada e muitas vezes combatidas por seus próprios colegas.

Descobriram que não se passava de uma mulher travesti.

E dia após dia ela foi sendo perseguida, logo o diretor a chama em sua sala.

O diretor então disse a ela: “Desculpe, não é que eu tenha preconceito, mas outras professoras não se sentem à vontade com você utilizando o mesmo banheiro das fêmeas”.

Mesmo assim ela questionou qual era o problema em dividir um único espelho e pia, já que as privadas eram privativas.

Nada adiantou, blasfêmia se tornou.

Seu início de carreira já estava marcado e fazer xixi já não era mais possível.

Ela se calou por ter medo de perder seu único emprego e o primeiro da carreira. Juntou cada caquinho do seu coração no chão e voltou a trabalhar.

Mas dizem que ela hoje em dia não aceita mais deboche, têm leis que a protegem, o deboche agora é dela.

O que para Bento (2011, p. 555)

Essas falas nos revelam os limites da escola em lidar com as diferenças. Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação.

A padronização hegemônica dos corpos, nos demonstra que, além de estarem totalmente imbricados no cotidiano escolar, também pode ultrapassar os limites dessa instituição. Existem corpos considerados “normais” e por consequência a definição de corpos “anormais”. Na escola esse mecanismo encontra um lugar próspero para seu desenvolvimento, reprodução e compartilhamento. Em casa, no caminho da escola, na escola, em todos os lugares as mulheres travestis podem ser tratadas como “anormais”, assim como Urias (2019), uma cantora negra transexual brasileira, canta:

Muito prazer
 Eu sou o oitavo pecado capital
 Tente entender
 Eu sempre fui vista por muitos como o mal
 Não consegue ver
 Que da sua família eu sou pilar principal?
 Possuo você, possuir você
 Sua lei me tornou ilegal
 Me chamaram de suja, louca e sem moral
 Vão ter que me engolir por bem ou por mal
 Agora que eu atingi escala mundial
 Navalha debaixo da língua (Trrá, trrá)
 Tô pronta pra briga
 Navalha debaixo da língua
 Diaba [...]

No imaginário social somos corpos “sujos”, “loucos” e “sem moral” até mesmo como a encarnação do próprio mal, estamos à espreita da discriminação e do preconceito. Não imaginam que podemos assim como qualquer pessoa, avassalar expectativas. Pode ser difícil a aceitação dos nossos corpos em lugares nunca ou pouco ocupados por nós ao longo da história. Mas cada vez mais estaremos ocupando espaços como na música, na Educação, nos teatros, nos cinemas dentre outros. Antes nossos corpos travestis não tinham essa chance, como disse Urias “vão ter que me engolir por bem ou por mal”.

Meu ser, sempre estive nesse corpo, a cultura dominante, que quis me corrigir. Mas não sucumbi a essas normatizações para vida toda, resolvi ser mais de mim mesma. A Isis sempre estive nas séries iniciais, com outro nome, com outro cabelo, difícil, mas não me encaixei nem como menina ou menino, ou melhor uma menina presa no corpo de menino, com as meninas eu não podia jogar nos jogos da cidade, os meninos me jogavam na reserva por compreenderem que não era como eles. Sem compreender o que se passava consegui aos poucos e ao longo de muitos anos que eu era. A musicalidade sempre fez e faz parte de mim, muito alento tive em variadas músicas. Estiveram comigo nos melhores e piores momentos. Como professora sempre procurei trabalhar com diversos e variados tipos de fontes, poemas, músicas, teatro e artigos científicos. Cada um constitui sua individualidade de aprendizado, a música em exemplo (Napolitano, 2002).

Minha experiência na formação profissional se inicia bem cedo, aos 13 anos quando participei do curso de formação para trabalhadores/as rurais na área da pecuária de ordenhadeiras promovido pela SENAR (Serviço Nacional de

Aprendizagem Rural) na fazenda produtora de leite onde morávamos na época. Neste período, eu já trabalhava com a produção de leite.

Outra fase subsequente e de legítimo impacto em minha formação profissional foi minha ligação com o teatro, na E. E. Coronel José Afonso de Almeida no segundo ano do ensino médio com o professor, ator, diretor e escritor paulista Dadá Rodrigues que migrara a Sacramento. Nestes três anos, fundamos uma companhia de teatro nesta cidade, pude praticar e trabalhar como atriz, sonoplasta e figurinista. Foi a minha porta de entrada aos estudos sobre as questões humanas e sociais uma vez que no teatro:

Aqui estamos, sem títulos, sem rótulos. Não somos doutores, nem tampouco poetas daqueles que fazem a guerra, que matam, que criam a miséria. O importante não é ser melhor que o outro. Não cultive a desigualdade, não incentive a discriminação e nem o racismo. Apenas conquiste espaços sempre e viva em tom suave, em tom de ilusão, amor, respeito e muita paz (Rodrigues, 2010, p.2).

Essa experiência foi o que me fez perder um pouco do interesse nas Ciências Exatas em que eu sempre tive mais aptidão. Desisti do curso técnico em informática que estava quase terminando, faltavam apenas metade do estágio (80 horas) para terminar, no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), polo de Sacramento – MG. Assim, seguindo essa perspectiva de crítica social, busquei um espaço a partir das Ciências Humanas sempre estabelecendo essas relações humanas ensinadas pelo meu querido mestre e dramaturgo Dadá Rodrigues.

Em 2013, consigo uma bolsa do Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid-UFTM), que foi junto aos auxílios alimentação e moradia, que também consegui, pude permanecer na Universidade e me formar. No Pibid fiquei quatro anos como bolsista, de início no subprojeto de História e Linguagens Artísticas com o professor Dr. Rodrigo de Freitas Costa. Depois no subprojeto de História também com o mesmo professor, estes momentos proporcionados pelo programa me construíram como professora, o que me fez amar e praticar à docência de forma livre e com autonomia. Essas bolsas de estudo corroboraram de forma direta à minha permanência na Universidade. O Pibid é o maior programa de bolsas de iniciação à docência do país, pelo período que atuei me abriu portas para o conhecimento e experiência prática na sala de aula.

Assim sendo, a assistência estudantil como uma política pública possui reconhecimento para a História e para a política da equidade que faz aos poucos a

Educação mais acessível a todos e todas. Muitas vezes passou em minha cabeça em desistir de tudo, atentar até mesmo contra minha própria vida. Querendo ou não percebemos um limite da tolerância para conosco, há diferenças mesmo que sutis na forma de tratamento entre os/as filhos e filhas cisgêneros/as para conosco transgêneros/as.

Podem ser pequenas frases e atitudes, mas com profundas marcas nos meus sentimentos. Dói muito ser tratada de uma forma, que digamos mais indelicada, apenas pelo fato da sua existência não demonstrar as expectativas culturais esperadas. Uma vez tinha me arrumado bem bonita para sair com minhas amigas, quando saio na porta e meu pai diz “onde esse viadão feio vai?”, minha vontade na hora foi de entrar para o quarto tirar toda aquela roupa feminina, minha maquiagem, isso me marcou muito. Mas preferi não desistir de mim e segui em frente. Ultimamente a coisa que mais me dá força é a vontade de continuar, assim sigo firme na construção dos meus sonhos e conquistas.

Segundo Bento (2011, p. 549-550),

Pessoas transexuais e travestis são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais, entram na justiça para solicitar a mudança do nome e do sexo; enfim, um conjunto de instituições sociais é posto em ação toda vez que alguém afirma: “não me reconheço nesse corpo, não me identifico com o gênero imposto; quero uma cirurgia corretiva do meu sexo, não suporto esses seios que me aprisionam ao destino materno; quero mudar minha identidade civil”. Essas anunciações reverberam nas instituições como sentenças proferidas por uma pessoa transtornada, sem condições de significar suas dores.

Nós, pessoas transexuais, quando crianças até na fase adulta lutamos por direitos básicos, o direito de vestir a nossa pele ter a nossos gêneros e sexualidade respeitados, o direito ao nosso próprio nome. Variadas instituições nos fazem (re)lutar pelo direito de existir. Nas escolas, ambiente de reprodução cultural, assuntos em torno do aborto, da diversidade sexual, da violência de gênero, da violência sexual, do racismo, entre outros temas geram polêmicas e grandes tensões conceituais até mesmo por nós docentes.

Em uma escola estadual em que atuei como professora de História para o ensino fundamental e médio no município de Sacramento, cidade do interior do Estado de Minas Gerais, haviam dissonâncias entre as teorias do currículo adotado. Alguns/mas profissionais ainda tendem a seguir os padrões de uma teoria mais

tecnicista e positivista da Educação. Ao menos tempo em que implementava um projeto de intervenção pedagógica abordando os tipos de violência doméstica e contra a mulher, da Lei Maria da Penha, outras docentes a partir de comentários com os/as discentes negavam a existência desses crimes e foi contestada pelos/as próprios/as estudantes.

Se nosso papel como intelectuais é "modesto" (ainda que politicamente significativo) isso implica, também, admitir que não é possível prever e controlar todos os efeitos das práticas sociais. Participantes de uma dinâmica cultural própria, juvenil, e da dinâmica social e cultural mais ampla, alvo da atenção e dos apelos da mídia, das igrejas, das doutrinas jurídicas ou militares, etc, as crianças e jovens escapam, certamente, aos controles de qualquer discurso — escolar ou não — que se pretenda único ou homogeneizador. Os saberes que a escola pretende fixar ou os saberes que a escola pretende ocultar podem (e são) contestados, desafiados, confirmados e subvertidos. Dar-se conta desses múltiplos e, por vezes, divergentes espaços educativos, é fundamental (Louro, 2003, p.137).

O nosso papel como professoras e intelectuais é político, e que mesmo pretendendo fixar algum tipo de controle ou restrição ao saber, esse trabalho comumente pode ser contestado e reavaliado, assim como qualquer discurso. Durante a pandemia da Covid-19 no Brasil (2020-2021), as aulas ocorreram de forma *on-line* no Estado de Minas e em várias outras regiões do país. Durante esse período, foi implementado o uso de apostilas de atividades, os chamados PET (Plano de Estudo Tutorado), além do uso de outras ferramentas digitais como o *Google Meet*, *WhatsApp*, entre outros meios digitais. O que trouxe muitas e novas possibilidades para o campo da Educação a partir da tecnologia, que historicamente fora criado com intuito de atender as disputas imperialistas ao longo das Guerras Mundiais, hoje se tornou um dispositivo indispensável para a Educação atualmente. Com essas tecnologias, na escola em que atuei, propusemos nossos encontros virtuais. Nos sábados letivos, dias excepcionais programados para que haja aulas, os encontros foram planejados de forma coletiva por grupos de professores/as.

No mês de março de 2021 aconteceu um encontro com a temática das mulheres, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher dia 08 de março. Para o desenvolvimento desse tema, construí uma aula com a temática "Mulheres inspiradoras", trabalharíamos a biografia de algumas mulheres de diferentes estereótipos, dentre elas mulheres negras, transexuais, de classes sociais diferentes sendo exaltadas demonstrando a multiculturalidade dos corpos femininos.

No grupo que participei colaborando com a temática, que é meu tema de pesquisa desde a graduação, fui chamada para uma reunião por duas integrantes. Nesta reunião via *Google Meet*, que foi gravada, mas não tive acesso, as determinadas colegas de trabalho (minhas chefes) questionaram-me quanto ao conteúdo que eu gostaria de lecionar na escola, acusando de “politicagem” a discussão em torno dos Direitos Humanos, raça, sexualidade e da diversidade dos corpos. Contudo, os posicionamentos foram completamente arrebatados ao chegar o PET daquele período que se tratava de todos os temas que hora eu pretendi abordar, temas indispensáveis para o estudo da História. “De algum modo, não saber sobre essas comunidades parece que funciona como uma espécie de garantia de que o/a estudante irá preferir ser heterossexual” (Louro, 2003, p.138). Esses discursos e posicionamentos me afetaram por muito tempo, mas não conseguiram fazer em mim o que pretendiam com minha sexualidade e meu gênero para a vida toda, esse mito caiu por terra nesse processo.

Outro fato que corroborou muito para que se instalasse em mim um sentimento de revolta em relação ao sofrimento e a forte discriminação no trabalho, foi a proibição, pela direção de uma da escola que eu trabalhei em meu primeiro contrato de trabalho, da utilização do banheiro feminino. Depois disso passei a não frequentar nenhum dos banheiros, aguardava o fim das aulas para ir correndo ao banheiro da rodoviária ou da pensão que eu ficava na cidade, já que eu não morava no município. A própria direção da escola alegou que outras professoras se sentiam constrangidas com a minha presença no banheiro. Se sentiram incomodadas em dividir uma pia e dois sanitários separados comigo. Essas e outras situações comuns no cotidiano escolar, demonstram a gravidade e atraso do desenvolvimento social e na garantia dos direitos sociais para professoras travestis, da autonomia docente, da liberdade do pensamento científico e da identidade docente. Querem nos perseguir, nos ferir, nos matar e nos humilhar.

3.5.Meu corpo em (re)invenção

*Corpo-poesia
Das tuas linhas
Corpo em traços
Que traçam de si,
Transformação.
Corpo,*

Que transfigura
 por fora
 o que por dentro
 revela
 a alma.
 Poesia,
 Que dos versos
 Alinham
 De mil potências,
 Teu corpo ato.
 Corpo poesia
 Que dos pelos
 Revelam
 No belo,
 Teu sófrego
 Ensejo
 De ser aquilo
 Que se é.
 Ao resistir
 É corpo
 Que por dentro grita.
 Nega o murmúrio
 Da notícia,
 E escancara
 Na negação
 Do espanto,
 Seu ser.
 Bruno Hats

(Tecruzi, ARaújo; et al, 2017, p. 77-78)

Há mais ou menos seis anos, iniciei minha transição de gênero, afirmando-me transgênero não-binária inicialmente e agora como mulher travesti. Vivo em uma transição contínua de existência, a cada dia construo em mim mais de eu mesma, a cada dia um novo ser se pinta e se reescreve.

De início, vieram muitas questões em relação à minha constituição como um indivíduo: o porquê de mesmo depois de todo esse tempo, eu viria a deslocar tanto o rumo da vida, das minhas relações sociais e amorosas? Seriam meus pais os culpados? Ou a culpa era minha? A escola? A minha cidade? Realmente alguém tinha culpa? Tudo era uma questão de escolha? Como me fiz assim?

Literatura do Corpo
 Picumã,
 Cílios de garota,
 Prótese, eu quero prótese,
 Neca,
 Pirelli,
 Edi,
 E unha de boneca,
 Corpo de pajubá,

Travestilidade comunica,
Travestidade comunista.
(Eloah, 2017, p. 49)

Diante de tanta trivialidade no senso comum, dos meios de comunicação, e principalmente, em resumo, a cultura ocidental capitalista, e, até mesmo minhas próprias privações, medos e tabus sobre o estudo de gênero e sexualidade, procurei tardiamente meios para me informar melhor sobre minhas inquietações mais profundas e assim fui me construindo.

Meu nome
Meu nome é um rio
Ela flui
Muda
Ela trans
Forma
Forma maleável
Ela
Adaptável
Rio de água potável
Jogue-se
Espere
Talvez não seja
Viável
Lucifer Ekant
(Ekant, 2017, p. 54)

O nome que eu escolhi é Isis Valentina Inácio Borges, mulher travesti, historiadora, professora de escola pública, criada na roça, artista e mais recentemente pesquisadora em Educação. Filha da Ivanilda Inácia Borges e Alemar Borges, irmã mais velha do Vitor Inácio Borges e irmã mais nova da Ana Regina Inácia Borges, Tia da Julia e do Miguel. Muitos/as ainda tentam se acostumar com este nome e boa parte nem lhes interessa, como já ouvi “o nome que importa é o que está no registro”.

Minha mãe muitas vezes disse que Igor era o nome que ela escolheu e que assim ela irá me designar até o fim de seus dias. Contudo, um pedaço de papel não define das possibilidades de existência em que eu possa transitar neste pequeno sopro da História em que chamamos de vida. Aos poucos fui impondo e eles foram entendendo quem eu realmente sou, um ser em crescente desconstrução. A artista brasileira transexual, Laerte Coutinho, manifesta-se:

Figura 2 – Tira da Meire



Fonte: <https://sOMEMQUADRINHOS.wordpress.com/2014/01/07/ad-08-meire-laerte-coutinho/>

Nessa intensa disputa, assim como Meire, do meu antigo ser, sobrou pouco. Atualmente, raramente alguém ainda troca meu nome e gênero, quando isso ocorre se desculpam, finalmente percebem que eu sou uma mulher. Mesmo que com toda força tive que me impor e junto às minhas, rogo:

Eu determino que termine aqui e agora
 Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo
 Determino que termine em nós e desate
 E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas
 Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
 E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias
 [...]

Entre a oração e a ereção
 Ora são, ora não são
 Unção, benção, sem nação
 Mesmo que não nasçam
 Mas vivem e vivem e vem
 Se homens se amam, ciúmes
 Se hímen, se unem
 A quem costumeiramente ama
 A mente ama também
 Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh (A mente ama também)
 Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh (A mente ama também)
 Entre a oração e a ereção
 Ora são, ora não são
 Unção, benção, sem nação
 Mesmo que não nasçam
 Mas vivem e vivem e vem
 Se homens se amam, ciúmes
 Se hímen, se unem

Há quem costumeiramente ama
 A mente ama também
 A mente ama também
 Não queimem
 Não queimem
 Não queimem as bruxas (Não queimem)
 Mas que amem as bixas, mas que amem
 Clamem, que amem, que amem
 Não queimem as bruxas (Não queimem)
 Mas que amem as bixas, mas que amem (Que amem)
 Que amem, clamem, que amem
 Não queimem as bruxas (Não queimem)
 Mas que amem as bixas, mas que amem
 Que amem, clamem, que amem
 Que amem
 Que amem as travas
 Amem as travas também (Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh)
 (Quebrada, 2019).

Na música *Oração* (part. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer) de Linn da Quebrada, demonstra a necessidade em que nossos corpos travestis ora pela possibilidade das nossas existências. Determinamos que o amor e o respeito às travas possam fluir em forma de oração em todos os cotidianos que nossos corpos possam ocupar.

Nós mulheres travestis passamos por diversas situações de discriminação no cotidiano da escola, bem como até depois de se constituir uma profissional e mesmo assim buscamos a todo custo fugir da realidade imposta social e culturalmente a maioria de nós.

3.6.A garota travesti de botas

Anira estava toda animada por ter comprado um lindo par de botas, sua expectativa era sempre estar bem arrumada. Suas botas eram a primeira opção para todos os encontros depois das aulas da faculdade.

Uma vez ela tinha chegado das aulas e se arrumado bem bonita para sair com minhas amigas.

Quando ela sai na porta e seu pai a vê, logo diz encarando de cara feia: “onde esse viadão feio vai?”

Anira sentiu vontade na hora foi de entrar para o quarto tirar toda aquela roupa feminina, a maquiagem, isso a marcou muito.

Mas preferiu não desistir dela mesma e seguiu em frente. Saiu toda linda e empoderada.

Livre dos julgamentos do pai e junto as amigas e a autoestima, ela podia só esperar uma única coisa: o sucesso e a lacração!

No início desse processo de transição de gênero, fui chamada de muitas coisas, o que mais me doeu foi meu pai dizendo que eu era “um viadão feio”. Porque nada dói mais do que ser maltratada por alguém que você ama, porém, agora que meu pai já começa a me reconhecer como mulher, principalmente perto do meu marido, não diz mais essas coisas. Entretanto, ainda sinto alguns olhares que ainda me machucam.

Tudo se iniciou com um batom rosa agora sou mais uma travesti no caminho da pesquisa científica e da eterna (trans)formação. Assim como Linn da Quebrada quando "se trans for mar, eu rio contra a correnteza pra me lavar, eu matei o Júnior (eu matei)" (Eu matei o Júnior, 2021) nessa dissertação matei de vez o Igor. Uma morte nada planejada, desse corpo em eterna transição.

Figura 3 – Antes da transição, Araxá-MG (2012)



Fonte: Da autora.

Nesse momento, eu acreditava ser apenas uma gay afeminada, mas meu corpo e mente foram se moldando, ao longo dos anos percorreu pelos caminhos do inevitável, por mais que a sociedade me julgava e controlava meu corpo, gestos e atitudes. Aos poucos fui me descobrindo e transgredindo até mesmo minhas próprias barreiras de preconceito que construí com passar da minha infância e adolescência.

Nessa ocasião, aos 20 anos, eu já acreditava que outros rapazes homossexuais não se interessavam por mim pelo meu jeito afeminado. Eu não via esse corpo como sendo meu, eu o moldava conforme eu achava atraente. Então não parei nos mesmos moldes, fui me recriando até me encontrar.

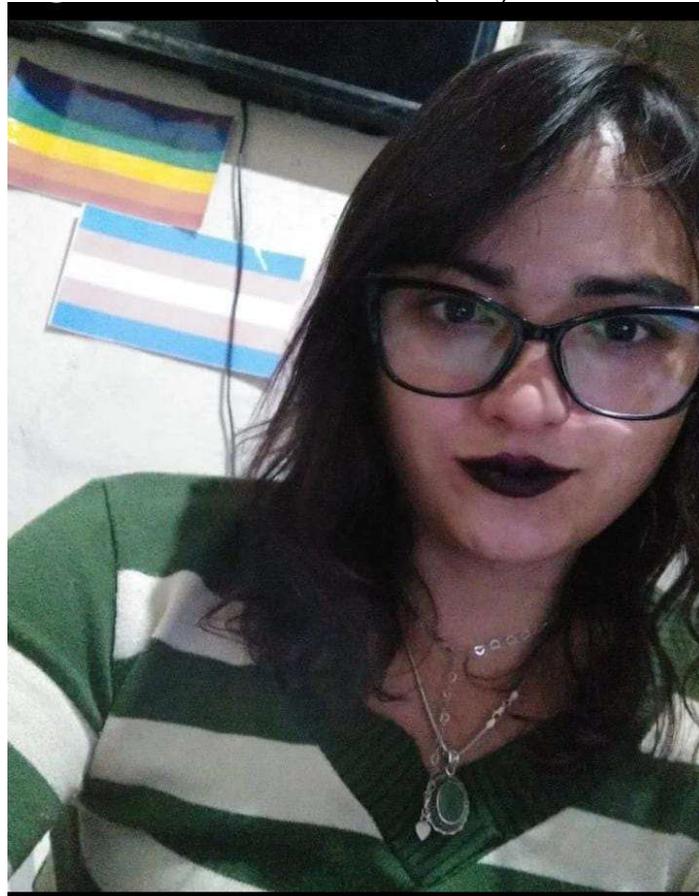
Figura 4 – Início da transição, Sacramento-MG, 2015.



Fonte: Da autora.

No ano de 2015, com cabelos já crescendo comecei a entender meu corpo de outro jeito, no início acreditava ser não-binária, eu me olhava e já não me via mais nem como homem nem ao menos mulher. Foi um período de extrema vulnerabilidade emocional, pois ali a minha crise de identidade foi instaurada. Eu não sabia mais onde meu corpo começava nem quando terminava. Nesse momento ainda enxergava mesmo que pouco aos olhos da heteronormatividade.

Figura 5 – Após a transição já com terapia hormonal, Sacramento – MG (2021)



Fonte: Da autora.

Um ano e meio após minha defesa de monografia (2018), mesmo eu já me autodeclarando como mulher travesti/transsexual desde esse período, decidi fazer uma terapia hormonal, que desde então nunca mais parei. E meu corpo está cada dia mais parecido comigo mesma. Cabelos mais volumosos, com interrupção da calvície, pele mais macia, cintura mais fina e quadris mais largos, seios mais volumosos. De detalhe em detalhe sigo me construindo e transgredindo meus próprios traços e tentando aos poucos existir e tentar ser respeitada.

Ao longo da vida conheci muitos homens em meu caminho. Meu pai foi o primeiro, que demorou muitos anos para me aceitar e tentar me entender. Na adolescência e tempo de escola os meninos me odiavam, não sabiam se eu era menina ou era menino.

Na verdade, nem eu mesma sabia que Isis Valentina pudera existir anos mais tarde. Na primeira vez que rejeitei um rapaz, ele e seus amigos me agrediram no centro da cidade. Minha amiga tentou me defender e apanhou junto comigo de quatro homens agressores. Quando achei que tinha conhecido um homem que me aceitava, fui pra casa onde conversamos. Ele pediu meu celular emprestado, quando vi ele estava vendendo meu celular. Me deu um soco e me socou e me chutou várias vezes. Outra amiga me salvou esse dia me ajudando a me levantar e a andar. Até que a Polícia Militar passou e prendeu o rapaz. Foi a primeira vez que passei a noite na delegacia, isso porque eu era a vítima. Não fui tratada com respeito nem diante do trauma que acabara de sofrer.

Outra vez o dono de um bar discutiu com uma transexual menor de idade. E como não podia agredi-la jogou seu ódio a mim. Mais uma vez agredida e jogada na rua agredida. Essa foi a última vez que pensei que seria agredida por um homem. Mas não foi! No meu primeiro relacionamento sério como uma transexual assumida também fui vítima de violência. Sofri os cinco tipos de violência listados pela lei Maria da Penha e como se não bastasse também a transfobia.

De acordo com o Instituto Maria da Penha, essa Lei foi promulgada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 7 de agosto de 2006. Esse fato foi um marco na luta do movimento social das mulheres, representando uma conquista histórica. De acordo com o site são tipificados cinco tipos: Moral, Física, Patrimonial, Sexual, Psicológica. Essa lei tem como utilidade inviabilizar a prática da violência doméstica

prevenindo e punindo-a em movimento à proteção da mulher. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2023).

Segundo o site do Supremo Tribunal de Justiça (STJ), por unanimidade, no primeiro semestre do ano de 2022, a sexta turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ), decidiu pela extensão da Lei Maria Da Penha (Lei 11.340/2006) à todas as mulheres, independente do sexo biológico. (SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 2023). Essa lei estendida as mulheres transexuais, demonstra um considerável, mesmo que tardio, um avanço do país em relação as políticas de proteção das populações com mais vulnerabilidade. Maria da Penha representa a realidade de outras inúmeras de brasileiras que sofrem pela violência doméstica. Nós mulheres trans somos constantemente ameaçadas pela violência doméstica e familiar. Pelo pai, pelo irmão ou pelo marido. Contudo, na maioria das vezes podemos analisar que a partir das estatísticas da ANTRA, a maioria é vítima pelas ruas. Somos humilhadas dentro da nossa própria casa, isso quando não somos expulsas. Ensinadas a ouvir e nunca dizer.

Para mim a violência moral se deu quando: eu era acusada o tempo todo de estar traindo, a violência psicológica: se eu não o obedecesse, nós não teríamos um futuro, a violência patrimonial: o ajudei a comprar um celular no meu nome que ele o partiu ao meio logo nos primeiros meses quando ainda estava pagando as parcelas, a violência sexual: fui forçada a ter relações por várias vezes, a pior delas foi quando disse que estava machucada e acordei com ele me abusando e a violência física: ele sempre puxava meu braço dizendo que eu o traía.

Um dia cheguei no trabalho e fui amarrar o cabelo meu braço estava todo roxo. Comecei a chorar com crise depressiva, minha supervisora foi para a sala de aula que eu iria lecionar. Mas de todas essas dores a pior foi a transfobia. Ele dizia que tinha enjoado de sexo anal e que iria procurar "mulheres de verdade". Depois de tanta violência que recebi durante meus 30 anos de existência. Por pouco não desisti de me sentir amada e existir. O desejo e o afeto que eu conhecia era por tempo determinado pelo próprio corpo masculino, cisgênero e heterossexual, que me desejava e rapidamente me descartava.

Por algum tempo até que me fizeram acreditar que era só isso para mim e nada mais. Mas hoje eu compreendo que sem o amor, afeto e respeito meu corpo não deve jamais se deixar levar. Como aconselham Linn da Quebrada e Liniker "Entrega o seu corpo somente a quem possa carregar" (Serei A, 2017). O amor não está preso

a nenhum dos títulos que conhecemos. Tudo isso é pequeno demais perto do que se pode viver junto aos nossos corpos e a nossa história. Uma travesti/transsexual se sentir amada e respeitada é sempre um ato de revolução. O amor e respeito nos liberta para que possamos sempre nos (trans)formar no que nascemos para ser e no que podemos construir em nós mesmas a cada passo do nosso tempo. A próxima seção tratará das conclusões que chegara essa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu determino que termine aqui e agora.
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo.
Determino que termine em nós e desate.
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas.
Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias.”*
(Quebrada, 2019).

Anseio que um dia possamos ser livres das amarras que nos prendem. Que possamos amar e ser amadas. Que possamos andar pelas ruas sem sermos atacadas. Que possamos ousar ao esperado e transcender nossos próprios corpos. Dos males que já vivemos, que possamos viver outros problemas e não mais esses. Que esse preconceito irrisório termine em nós. Desejo ainda a nós que já vivemos que possamos sobreviver a tudo isso e que as próximas vivam em paz. Somos as memórias umas das outras. Dos grãos de areia, frente a todo esse universo, que possamos ser os astros umas das outras.

A partir dos objetivos dessa pesquisa pude compreender a riqueza que meu corpo pode produzir, construir e se descobrir. E para além disso, do que ele ainda pode ser, em constante transformação. Agora posso com toda força imaginar o inimaginável. Andar pelas sutilezas da vida sem ter medo em me tornar cada dia mais, quem eu quero e posso ser. Mesmo apesar deste título de mestra, sei que posso sofrer mais inúmeras retalhações e perseguições como é de praxe. Contudo esse se torna mais um tijolinho que dá força ao meu muro da coragem. A cada dia mais corajosa para nunca desistir de mim. O reconhecimento das minhas memórias me trouxe o alívio e a força que eu precisava para continuar nessa estrada. Pude ver refletido em mim, várias outras histórias que se entrelaçam a minha experiência e

trans(formação). Assim que como no Teatro, agora posso me dispor ainda mais de qualquer figurino, viver qual drama eu quiser. Fazer de mim um espetáculo para o mundo e principalmente para os algozes. Criando e recriando essa nova e melhor personagem que sou eu Isis Valentina. Cada cena vai se desenhando conforme uma sonoplastia que grita, rica e diversa dentro de mim. Legitimando a quem quer que seja, a essência que eu mesma (re)criei.

Nós mulheres transexuais e travestis enfrentamos diversos ataques ao longo da nossa trajetória. Esta pesquisa trouxe algumas narrativas do processo de transição de gênero e formação acadêmica da autora. Mesmo sendo memórias particulares, muitas de nós também podem esbarrar com situações similares e até mesmo mais violentas. Isso levando em conta os privilégios que pude ter ao longo da minha formação, como por exemplo, não ter sido expulsa de casa algo corriqueiro a maioria de nós. Expulsas de nossas casas, dos banheiros e muitas vezes da escola. Pensar em terminar com nossa própria vida, diante de tantas impossibilidades não é muito incomum. O que é comum é sempre estarmos erradas. Estarmos sempre à mercê, até mesmo sobre a concepção do que somos ou não somos. Viver em nossa pele é um caminho muito melindroso de ser trilhado. A base, é sempre de nós por nós mesmas. Precisamos ser muito melhores que o exigido habitualmente a outros corpos ditos como “normais”, para preencher uma vaga de emprego.

As estatísticas de extrema violência em torno dos nossos corpos demonstram apenas parte da nossa triste realidade no país. Mas felizmente algumas de nós ousaram não fazer parte dessas estatísticas e mostram a sociedade que nossos corpos podem estar em muitos lugares, essa pesquisa chama a atenção para essa realidade. Quando se pensa nossos corpos travestis e transexuais apenas o imaginário social voltado as estatísticas, ou seja, as nossas vidas têm relação e carregam como estigma a prostituição, a violência, a agressividade e a criminalidade.

Falar de nós, ocupando outros lugares na sociedade colabora para que esse imaginário de violência e criminalidade se desfça. Demonstra que nossa vida pode ser muito além do que imaginaram para nós. Além de apresentar a sociedade novos lugares aos nossos corpos, as vitórias de umas podem inspirar a luta de muitas de nós. Tal qual, fui inspirada a ser quem eu quero ser, também ao que posso ser, muitas outras também podem ver em si mesmas muito além dos estigmas que traçaram a nós.

Desse modo, essa pesquisa teve como principal objetivo refletir sobre a trajetória de um corpo travesti que ousou fugir dos estigmas das estatísticas. As metodologias narrativas possibilitaram essa pesquisa a chegar nesses objetivos. Tanto as narrativas da formação, quanto as narrativas ficcionais criadas foram contadas para esse fim. De questionar e refletir sobre o corpo travesti/transexual nos caminhos da educação e da transformação. Para além de demonstrar os enfrentamentos, também trazer à tona as resistências e perseveranças de mulheres travestis e transexuais.

Agora após essa pesquisa pude perceber o quanto a Educação pode nos libertar de amarras que prendem a nossa existência em sua plenitude. A cada etapa que concluí no processo de formação, foi acompanhada ao meu processo de construção da minha cosmovisão. A cada etapa concluída pude cada vez mais defender os meus direitos e ser liberta de um senso comum onde eu não podia existir do jeito que eu sou. Aprender sobre o mundo também é um caminho para conhecer a mim mesma.

De modo a concluir, me aceitar como um corpo travesti foi um processo longo e ao meu tempo, construindo em mim e aos poucos o que eu pude ser capaz. A transição de gênero de cada uma de nós é um processo muito íntimo, onde cada uma se constrói da forma e do jeito que pode. Cada enfrentamento poder retardar o processo, mas jamais pode apagar o que realmente somos e sentimos. Para mim a Educação fez refletir sobre quem eu sou e eu quero ser, e além de poder me aceitar, também fazer com que as pessoas que amo pudessem me ouvir e a aceitar a minha existência. Junto a tudo isso aos poucos venho sendo reconhecida em minha cidade outra possibilidade que minha formação e transformação trouxe. Atualmente, fui convidada a fazer parte do Comitê de equidade em saúde do município de Sacramento, voltada a atender a população LGBTQIAP+ e a população negra. Também no próximo mês serei homenageada por um jornal da cidade como personalidade de destaque na comemoração de 10 anos deste. E quem sabe o que me aguarda nos próximos anos seguindo os caminhos e etapas da Educação formal.

Em conclusão, ser a primeira travesti/transexual a se formar, ser a única professora travesti/transexual da cidade ou a ser famosa, a ser deputada, a ser médica, a ser cantora, a ser advogada, a ser mestra ou doutora e outras diversas possibilidades de cidadania, a sociedade só não imagina muito para nós além dos

estigmas que estão atrelados a nós. Há a necessidade de contarmos essas histórias não contadas para distanciar do preconceito e dos julgamentos.

Contudo, estamos cansadas também de sermos as primeiras e as únicas nos lugares que não sejam em torno dos estigmas do senso comum, e queremos saber onde estão as outras de nós? Fica evidente a necessidade de políticas públicas específicas, voltadas a essa população e a todas as outras minorias e as especificidades de cada uma. Parafraseando minha conterrânea Carolina Maria de Jesus, quem inventou a fome de direitos são os que se alimentam deles. Nada mais justo e sensato que o Estado Nacional alimente os que ainda estão com fome. A dignidade humana deve ser para todos e todas, independentemente da sexualidade, do gênero, da raça, da geração, da classe social, da religião. Ninguém deveria ter o direito de levar qualquer outra forma de existência a categoria do não humano. Somos todos e todas seres humanos e a diversidade está totalmente ligada a humanidade. Ser humano é ser diverso, por isso, as diferenças entre nós devem ser naturalizadas em nossas práticas culturais e jamais hierarquizadas onde apenas alguns comem e outros lambem o dedo.

À guisa de conclusão, o direito à Educação é um dos direitos humanos mais importantes assim como o direito à alimentação, a moradia e à saúde. O povo tem fome de conhecimento e um direito tão importante como esse deve ser legitimado a toda(o) cidadã e cidadão.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, nº14, set. 2003, p.79-95. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>
Acesso em: 12 dez. 2022.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: Assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012, p. 279. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7600/1/2012-TESE-LNANDRADE.pdf> Acesso em: 08 ago. 2022.

ARRAES, Jarid; GUITZEL, Virgínia. Poesias TRANS: A arte da resistência I. **Esquerda Diário**, 29 de janeiro de 2016. Gênero e Sexualidade. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/Poesias-TRANS-A-arte-da-resistencia-I?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter Acesso em: 14 nov. 2022.

BAÍAS As. **Dama da night**. São Paulo: ABCM Produções, 2017. Mp4 (4:05 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xToWF3Dsmr0> Acesso em: 15 jan. 2023.

BENEVIDES, Bruna. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil, ANTRA. **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: Distrito Drag, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2022.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara N. Bonfim. Expressão Popular. ANTRA, IBTE. **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf> Acesso em: 11 jun. 2022.

BENEVIDES, Maria Victoria. Educação em direitos humanos: de que se trata?. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite *et al.* (Org.) **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, Fundação Editora da UNESP (FEU), 2003, p. 309-318.

BORGES, Isis Valentina Inácio. **Transgêneros e a Insubordinação ao Patriarcado Cisgênero-Heteronormativo: problematizações na afirmação de gêneros em Sacramento – MG. De onde provém tanto glitter?** 2018, p. 42. Monografia – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018. CD-ROM. Acesso em: 22 nov. 2022.

BORGES, I. V. I.; BUENO, J. L. P. Travestis e transexuais nas universidades públicas: reflexões sobre o acesso e a permanência. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e12044, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.12044. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/12044>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BORGES, Isis Valentina Inácio; SILVÉRIO, Leandra Domingues. Mulheres travestis multiartistas no enfrentamento histórico dos estigmas da bixa preta. In: FERREIRA, J. S.; CARVALHO, G. O. S. (Orgs.) **Feminismo das Maiorias**. São Paulo: Usina Editorial, 2022. p. 175-95.

BRAGA, Carolina. Por que Manhãs de Setembro é uma das melhores séries lançadas em 2021? Série original da Amazon Prime Video traz Liniker na sua primeira atuação e explora o afeto, diferentes formatos de família e muita força. **Culturadoria**, 28 de julho de 2021. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/manhas-de-setembro/> Acesso em: 15 jan. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da Identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 119.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, vol.13 nº37, jan./abr. 2008, p.45-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 8 ago. 2022.

CONNECTAS. **A ofensiva antigênero como política de Estado**. Entrevista. 2020. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/ofensiva-antigenero-politica-estado/> Acesso em: 20 nov. 2022.

CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé. **A Escola Contemporânea**: narrativas provocadas pela pandemia. Relatório de Pós-Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, 2022, p. 69. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358927328_A_Escola_Contemporanea_na_rrativas_provocadas_pela_pandemia. Acesso em: 15 nov. 2022.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **A História oral** - memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 137. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582179208/cfi/1!/4/2@100:0.00> Biblioteca eletrônica da UFTM / Siscad Acesso em: 15 jun. 2021.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 14 jun. 2021.

GRIORI, Pedro; GERMANO, Camila. Grammy Latino 2022: confira a lista com todos os vencedores. **Correio Brasileiro**, nov. de 2022. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2022/11/5052603-grammy-latino-2022-confira-a-lista-com-todos-os-vencedores.html> Acesso em: 20 nov 2022.

HAINES, Larissa Ferreira; TÍLIO, Rafael de. Vivência Intersexos: Identidade, Autopercepção, Designação Sexual e Seus Desdobramentos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.41, 2021, p. 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228578> Acesso em: 16 jan. 2023.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/> Acesso em: 15 ago. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O protesto na festa**: Política e carnavalização nas Paradas de Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transexuais (LGBT).

Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2010, p. 194. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8042> Acesso em: 14 jan. 2023.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, 3 (63), 2007, p. 413-438. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf Acesso em: 15 jan. 2023.

JUNQUERIA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**. 18 (43), 2018, p. 449-502. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a04.pdf> Acesso em: 8 jan. 2023.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Em Busca de Informações. *In*: (Org.). **A construção do saber: manual de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas. Belo Horizonte, 1999, p.165-195.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 6ª ed., 2003, p. 184.

MAJUR. **Seja o que quiser**. Rio de Janeiro: Ubuntu, 2021. Mp3 (2:47 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UUpVpbeBrBk> Acesso em: 10 jan. 2023.

MELO, Oceano Vieira. **Eurípedes Barsanulfo: educador e médium**. MG: Versátil Filmes, 2007. 1 Vídeo (1:38:09 min). Publicado pelo canal FEBtv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iz0pdNNYrnM> Acesso em: 10 jan. 2023.

MILLS, Charles Wright. Sobre o artesanato intelectual. *In*: **A imaginação sociológica**. Trad. Waltensir Dutra. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, p. 211-243.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: História cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Napolitano-historia_musica.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O Diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na Educação**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2017, p. 192. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=17450&idpograma=40001016001P0&anobase=2017&idtc=1255> Acesso em 14 jan. 2023.

OYÊWUMÍ, Oyèrónké. **A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Wanderson Flor Nascimento. 1º ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 324.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev. Bras. Linguist.** apl. 8 (2), 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt> Acesso em 02 dez 2022.

POPULAR, Jornal Diário. **DP Entrevista - Rogério Junqueira**. Entrevista, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5fX18d2vRM> Acesso em: 15 jan. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. Tradução Eliana Aguiar; prefácio Virginie Despentes, 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 317.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos**: Narrativas Ficcionalis das homossexualidades no cotidiano escolar. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, 2009, p. 165. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/dissertacoes/2009/eder-rodrigues-proenca.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

QUEBRADA, Linn da. **Oração**. São Paulo: Space Blues, 2019. MP4 (5:59 Min). Disponível em: <https://onerpm.lnk.to/OracaoLinnDaQuebrada> Acesso em 25 de nov. 2022.

QUEBRADA, Linn da. PROFANA, Ventura. **Eu matei o Junior**. São Paulo: Estúdio Brocal, 2021. Mp4 (3:37 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cfpg9qfzvlw> Acesso em: 15 jan. 2023.

QUEBRADA, Linn da; LINIKER. **Serei A**. São Paulo: Estúdio YB Music, 2017. Mp4 (4:19 min). Publicado pelo canal Linn da Quebrada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6KUD5CJrgVE> Acesso em: 15 jan. 2023.

REIGOTA, Marcos. Da etnografia às narrativas ficcionais da práxis ecologista: uma proposta metodológica. **Revista de Estudos Universitários - REU**. v. 25, nº 1, 1999, p.35-60. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/4239> Acesso em: 10 nov. 2022.

RODRIGUES, Dadá. **Mudanças e situações em Roda Viva**. Esquete teatral, Arquivo pessoal; Sacramento, 2010, p. 2.

SALES, Adriana Barbosa. **Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, 2012, p.115. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/1230> Acesso em: 13 jan. 2023.

SANTOS, Cassio Pereira dos. **Valentina**. MG/DF: Campo Cerrado Produções, 2020. Mp4 (95 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81383254>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Márcio de Souza; FOURAUX, Carolina Gonçalves da Silva; OLIVEIRA, Valéria Marques de. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**. Volta Redonda, 5 (Edição Especial): 37-51, 2019.

Sexta Turma estendeu proteção da Lei Maria da Penha para mulheres trans. Superior Tribunal de Justiça, Brasília-DF. 29 jan.2023. Disponível em: <https://www.stj.jus.br/sites/portalt/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Sexta-Turma-estendeu-protecao-da-Lei-Maria-da-Penha-para-mulheres-trans.aspx#:~:text=Sexta%20Turma%20estendeu%20prote%C3%A7%C3%A3o%20da%20Lei%20Maria%20da%20Penha%20para%20mulheres%20trans&text=No%20primeiro%20semestre%20de%202022,ou%20familiar%20contra%20mulheres%20transg%C3%AAnero> Acesso em: 25 de Jul. 2023.

SOUZA, Eliseu Clementino de. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004, p. 442. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10267> Acesso em: 27 dez. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de Meireles. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, nº 39, 2018, p. 282-303. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/4750> Acesso em 4 jan. 2023.

SUDRÉ, Lu. Transexualidade deixa de ser considerada doença, mas ainda é patologizada: Pessoas trans comentam avanços e limitações da CID 11, que recoloca a questão em “condições relacionadas à saúde sexual”. **Brasil de Fato**, jun. de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/03/transexualidade-deixa-de-ser-considerada-doenca-mas-ainda-e-patologizada> Acesso em: 10 de jan. 2023.

TECRUZI, ARAÚJO; *et al.* **Antologia Trans**: 30 Poetas trans, travestis e não-binários. Invisíveis Produções. 1º Ed. São Paulo, 2017, p.112.

URIAS, Diaba. São Paulo: Mataderos, 2019. Mp4 (3:29 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_r83_uatpM. Acesso em: 15 nov. 2022.

VERAS, Elias Ferreira. “O fenômeno Roberta Close” e as “sexualidades periféricas”. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 23, nº 35, 2016, p. 168-181. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2016v23n35p168> Acesso em: 16 jan. 2023.

GLOSSÁRIO

LGBTfobia: Discriminação contra as pessoas que se afirmam LGBTQUIA+.

Transfobia: Discriminação ou exclusão causadas a mulheres e homens transexuais e travestis.

Heterossexual/heterossexualidade: Quando a atração sexual é voltada ao gênero oposto.

Heteronormatividade: Normativa social para possuir desejo sexual voltado ao sexo biológico oposto.

Calvície: Distúrbio que ocasiona a queda de cabelos.

Cisgênero: Pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer que é considerado a partir do sexo biológico.

Cis-hetero-normatividade: Normativa sexual e de gênero baseados a partir do sexo biológico.

Gênero: é afirmado segundo a teoria *queer* a partir dos signos e performances sociais.

Neonazismo: Vertente político-ideológico que introduz politicamente discriminação a determinados grupos sociais.

Nome social: Nome que é utilizado socialmente independente do registro civil.

Nome de registro: Nome registrado em documentação (Certidão de Nascimento, CPF e Identidade).

Patriarcado: Mecanismo capitalista onde atribui ao ser homem heterossexual no centro do poder sobre as mulheres.

Sexualidade: Categoria baseada na atração sexual do sujeito.